

**FACULDADE ESTADUAL DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS**

**JULIANA DE CÁSSIA CÂMARA**

**ESPECIALIDADES ESCRAVAS NO PARANÁ: UM ESTUDO SOBRE O  
TRABALHO E A SOCIABILIDADE NOS ANÚNCIOS DO JORNAL *DEZENOVE DE  
DEZEMBRO* (1854-1888)**

**UNIÃO DA VITÓRIA  
ABRIL DE 2011**

**JULIANA DE CÁSSIA CÂMARA**

**ESPECIALIDADES ESCRAVAS NO PARANÁ: UM ESTUDO SOBRE O  
TRABALHO E A SOCIABILIDADE NOS ANÚNCIOS DO JORNAL *DEZENOVE DE  
DEZEMBRO* (1854-1888)**

Monografia apresentada para obtenção do título de especialista no curso de Pós Graduação em História Cultural, Setor de História da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória.

Orientador: Prof. Ddo. Ilton Cesar Martins

**UNIÃO DA VITÓRIA**

**ABRIL DE 2011**

Alguém disse certa vez: “A arte nos devolve para o complexo. É isso o que ela faz”. É também o que a boa história faz, e o faz especialmente por intermédio de pequenos contos que lançam luz sobre as grandes questões.

(Graham, 2005, p. 230)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço minha família por todo o apoio que tive nesse trabalho.

Pai, mesmo longe sei que sempre esteve presente, torcendo e rezando por mim, para que mais essa etapa fosse vencida.

Minha maninha Daniela, poxa ... não tenho palavras para expressar toda minha gratidão. Quantas vezes te acordei, fiz você correr com meus materiais, ... sei que um obrigada talvez não seja suficiente por tudo. Você é mais do que uma irmã e uma amiga. Te amo.

A minha amiga Juliana, por ler os capítulos, conseguir os livros na UFPR com seu irmão, pelo apoio, amizade e estímulo para nunca parar. Você acompanhou tudo de perto Ju, o meu muito obrigada.

A minha amiga Marielle, não ia esquecer de você de jeito nenhum... nossas conversas sobre história que começaram lá no pensionato- eis que aí começa uma grande amizade. Quantos cafezinhos em meio a discussões sobre escravidão, racismo, trabalho. Obrigada pelo seu ombro amigo.

Agradeço também aos amigos Ana Paula e Márcio pela torcida e incentivo para que este trabalho fosse concretizado. A minha irmã Valéria e aos sobrinhos Eric e Caio, cheios de ternura e candura, com suas histórias do 'viveram felizes para sempre'.

Aos funcionários do Museu Paranaense que sempre me receberam com todo carinho, presteza e atenção, permitindo o acesso à documentação necessária. A Vera, a Lurdinha, e em especial a D. Lucia, a quem devo muito por me acolher em sua casa e me tratar como uma filha. Ao Rodrigo, por não medir esforços em me ajudar com os jornais, pelos empréstimos de livros, as conversas e debates sobre a importância do curso de história, os autores, obras.

Ao meu orientador, Professor Ilton, a quem devo mais do que qualquer agradecimento. Primeiro pelo mestre e professor que és. Segundo, pelo incentivo em estudar a problemática da escravidão, por orientar meus trabalhos desde o primeiro ano da graduação. Por iniciar-me na pesquisa, dedicando seu tempo e paciência no trabalho com as fontes. Pelos puxõezinhos de orelha, que sem dúvida alguma foram essenciais para meu amadurecimento e crescimento. Obrigada pela sua amizade, zelo e carinho.

E a alguém que eu não poderia deixar de agradecer nunca.

Você mãe. Se existe alguém a quem dedicar este trabalho e agradecer por tudo é a você. Só Deus sabe quantas noites de sono perdido, quantas novenas e orações, quanta preocupação. Eu sei das suas lutas para que eu chegasse até aqui, das batalhas que você enfrentou e ainda enfrenta para ver no rosto de cada filho seu o reflexo do teu suor, trabalho e dedicação, transformados em sucesso e vitórias.

Obrigada por todo esforço, por ler cada palavra do meu texto, rir dos erros, estudar cuidadosamente cada anúncio do jornal comigo. Por me ajudar a enfrentar as dificuldades que encontrei pelo caminho e a nunca desanimar. Cada linha desse trabalho é resultado do teu carinho Mãe. Uma conquista que eu jamais conseguiria sem você, pois tudo o que sou devo a ti.

Você é meu porto seguro, minha melhor amiga, a mão sempre estendida, o abraço forte e o consolo de todas as horas. Obrigada por ser essa pessoa, mas principalmente, por ser minha mãe e estar sempre ... sempre comigo.

A você meu irmão Marcos, que já não está mais entre nós. Lembro de cada palavra sua de incentivo, principalmente o que me disse na última vez que conversamos, sobre minha derrota no vestibular. Suas palavras eram doces, transmitiam segurança, mas resumiam uma despedida. Hoje sei que você é aquela estrela no céu a brilhar forte sem cessar. Que me dá forças para continuar.

Esse trabalho também é pra você meu irmão. Que me inspirou a fazer o curso de História, que me ensinou a enfrentar a vida e de cabeça erguida nunca desistir. Poxa que saudades. Obrigada por ter feito parte da minha vida e por estar sempre, sempre comigo. Te amo meu irmão.

E a ti, muito obrigada Deus. Obrigada pela vida, por tudo que sou, por estar presente em todos os momentos da minha vida. Mas principalmente por permitir que eu compartilhe a vida com essas pessoas que eu amo tanto. E com as quais não sei viver.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	06
<b>2. A PROBLEMÁTICA DA ESCRAVIDÃO: DEFINIÇÕES E CONCEITOS</b>	09
2.1 Sobre a escravidão e os escravos no Brasil	15
2.2 Sobre a escravidão e o trabalho no Paraná	19
<b>3. A ESCRAVIDÃO E O MUNDO DO TRABALHO NO JORNAL DEZENOVE DE DEZEMBRO: 1854- 1888</b>	23
3.1 Especialidades escravas no Paraná: uma relação entre escravidão e trabalho nos anúncios do Dezenove de Dezembro	26
<b>4. ESCRAVIDÃO, TRABALHO E SOCIABILIDADES NO PARANÁ</b>	38
4.1 Os anúncios do Dezenove de Dezembro e a sociabilidade entre os escravos	39
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	53
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	56
<b>APÊNDICE I-Tabela: Especialidades escravas no Paraná 1854-1888</b>	62
<b>ANEXO I- Anúncio do Jornal Dezenove de Dezembro</b>	72
<b>ANEXO II- Anúncio do Jornal Dezenove de Dezembro</b>	73
<b>ANEXO III- Anúncio do Jornal Correio Oficial</b>	74
<b>ANEXO IV- Anúncio do Jornal Correio Oficial</b>	75

## 1- INTRODUÇÃO

Estudar na atualidade a problemática da escravidão, assim como no passado, continua não sendo uma tarefa fácil. Isso porque muitos mitos e inverdades tendem a ser reproduzidos pela generalização constante de temas relacionados à prática escravista, como por exemplo, não levar em consideração as diferentes origens dos povos africanos. Entender o conceito de escravidão requer análises diversificadas e complexas. É preciso estudar a África e os africanos. Aliar a História com outras ciências. Não isolar os conceitos do seu contexto. Atentar a importância das fontes e a riqueza de seus significados.

Neste trabalho buscamos analisar e discutir os conceitos de escravidão, trabalho e sociabilidade e como eles se configuram na sociedade paranaense do século XIX, a partir de anúncios do Jornal Dezenove de Dezembro, a fim de compreender a importância do trabalho para o escravo e os contornos que ele adquiriu na vida cativa. Bem como a importância da sociabilidade no trabalho como instrumento necessário ao escravo para afirmar e reafirmar sua identidade.

O recorte utilizado para o trabalho 1854-1888 contempla o período que o jornal Dezenove de Dezembro começou a circular na província, até o ano da abolição da escravidão, levando em consideração anúncios de fuga, compra, venda e aluguel de escravos. A partir dos anúncios do jornal buscamos analisar a importância das especialidades escravas no Paraná, do seu saber fazer e o significado do trabalho para o escravo. Traçar também um perfil dos escravos-origem, habilidades, características, dos proprietários de escravos e da escravidão na região paranaense.

A metodologia utilizada pautou-se no uso de fontes de cunho bibliográfico - livros, artigos e revistas que nos permitiram tratar da problemática da escravidão e suas nuances ao longo da história. Como fontes, os anúncios do Jornal Dezenove de Dezembro desde a data da sua criação até o ano de 1888, atentando sempre aos cuidados metodológicos no trato e trabalho com fontes históricas. Pois o jornal é uma fonte de saberes e de relações de poder, que deve ser olhado e interpretado a luz do seu tempo. Utilizamos também o dicionário de Ciências Históricas e o Dicionário de Conceitos Históricos para definir conceitos e expressões discutidos ao longo do trabalho.

Quanto à abordagem teórica, para discutirmos o conceito de escravidão e seus significados ao longo da história, tivemos por base Davis e sua obra *O problema da escravidão na cultura ocidental*, na qual o autor apresenta razões e justificativas para que a escravidão se configurasse como um problema de ordem cultural. Os textos de Eltis procuram dar relevância aos fatores econômicos para justificar a questão da escravidão. Os trabalhos de Miller que dão ênfase no tráfico de escravos para entender a dinâmica da escravidão no mundo moderno. Engemann e Elias, que através de uma visão sociológica nos permitem entender o porquê do africano ter sido considerado um povo eleito a escravidão. Bem como os trabalhos de Kopytoff e Meillassoux, também importantes para analisar e compreender o significado da escravidão.

Por linha historiográfica o presente estudo teve por base a Nova Historiografia da Escravidão, que desde a década de 1980 trabalha com novas abordagens, filiações teóricas e fontes para o estudo da escravidão. Os trabalhos de Paiva nos deram valioso suporte para discutir a questão das especialidades escravas, dos saberes e domínios técnicos para o trabalho, conhecimentos esses já adquiridos e desenvolvidos pelos africanos na sua terra natal. Os artigos produzidos pelo grupo de pesquisa *Escravidão e Mestiçagens*, em especial os trabalhos de Douglas Colle Libby e José Newton Menezes, também foram essenciais para analisarmos questões relacionadas à escravidão, trabalho, mestiçagens e cultura. Bem como a obra de Gilberto Freyre, *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX* fundamental por mostrar como se fazer uma história da escravidão a partir de anúncios de jornais e a importância do jornal como fonte histórica. E *Visões da Liberdade* de Sidney Chalhoub, onde o autor analisa os significados da liberdade para os escravos. Além de outros autores já consagrados pela historiografia, como Mattoso, Karasch, Reis, Engemann, Mattos, Pereira, Pena.

No primeiro capítulo procuramos conceituar e definir a escravidão a partir de uma visão historiográfica, antropológica e sociológica, atentando aos diferentes sentidos e significados que ela recebeu com o passar dos tempos. Analisar os termos escravismo e sistema escravista, bem como o conceito de escravo. Por conseguinte, buscamos analisar a escravidão no Brasil e no Paraná, dando ênfase aos ciclos econômicos e como cada um deles demandou a busca por uma especialidade escrava. Na vida dos escravos, a partir da obra *Ser escravo no Brasil*



de Mattoso. E no conceito de trabalho, a fim de compreender a importância e o significado do trabalho na vida dos escravos.

No segundo capítulo, por meio de análise historiográfica de autores, como Pena, Pereira e Martins procuramos traçar um perfil dos ciclos econômicos no Paraná e a busca por especialidades escravas para o exercício dessas atividades. E a partir dos anúncios do Jornal Dezenove de Dezembro analisar as especialidades escravas no Paraná, qual a demanda por uma determinada habilidade, o tempo de aprendizado para um determinado ofício, a importância do saber fazer escravo, quem eram os escravos, seus donos, as formas de resistência concretizada nas fugas individuais e coletivas e de negociação no espaço escravista, a partir da relação senhor escravo.

No terceiro capítulo buscamos conceituar e definir o termo sociabilidade e sua importância para definir e afirmar relações de identidade e pertencimento de grupo entre os escravos. Através dos anúncios procuramos analisar a sociabilidade no espaço do trabalho e nas variadas formas de convivência entre os escravos, como por exemplo, nas irmandades, festas, danças, jogos – instrumentos esses necessários não só para criar vínculos entre os escravos, mas também para dotar de sentido e significado o espaço do trabalho.

Sendo assim este trabalho busca compreender a escravidão no Paraná como uma estrutura essencial para o seu crescimento e desenvolvimento. E a importância do saber fazer escravo no Paraná, onde habilidades foram compartilhadas entre livres e escravos, permitindo que o espaço de trabalho fosse também um espaço de trocas culturais, mestiçagens, convivências, sociabilidades e identidades.

## 2- A PROBLEMÁTICA DA ESCRAVIDÃO: DEFINIÇÕES E CONCEITOS

A escravidão foi um fenômeno presente em quase todas as sociedades, onde desde a Antiguidade até a contemporaneidade, a maioria dos povos submeteu ou foi submetido à escravidão. Na África, por exemplo, as formas de regime de trabalho escravo foram variadas e bastante complexas. Reinos africanos escravizavam seus prisioneiros de guerra. Ela não apenas foi fonte de escravos, como também escravizou a outros povos, prática que só foi abolida no século XX. No entanto, na África nunca houve uma situação de escravidão racial, diferente do que se deu no Brasil, onde nem sempre ela foi racial. A escravidão no Brasil torna-se racial com a construção do Estado Nacional, mais especificamente a partir de 1850, quando se tornam recorrentes os debates sobre a construção da identidade e nação brasileira e a raça que melhor constituiria o tipo brasileiro.

Para entender o conceito de escravidão é preciso levar em consideração os diferentes significados que ela adquiriu ao longo da história. A escravidão trata-se de uma questão de propriedade, do fato de se estar subjugado a alguém, mas também de um problema cultural muito forte, que adquiriu diferentes sentidos e significados ao longo da história.

Por isso, neste primeiro capítulo buscamos através de um balanço historiográfico, antropológico e sociológico, historicizar a questão da escravidão, problematizando-a em duas vertentes, a econômica e a cultural. Afinal, a escravidão surge no mundo por uma necessidade econômica ou por reconhecer no outro a diferença cultural? Quais são os argumentos que dão justificativa a prática do escravizar?

Davis (2001) em seu livro *O Problema da Escravidão na Cultura Ocidental*, traça um panorama geral a respeito da escravidão desde os tempos antigos, atentando as diferentes formas e significados atribuídos a ela. Para o autor, a escravidão trata-se não apenas de uma instituição comum a quase todas as sociedades, mas de um problema fortemente cultural, com tradições de pensamento e valores, que influenciaram tanto a defensores quanto a opositores da escravidão. É a punição pelo pecado ou defeito natural da alma, modelo de dependência e submissão, ponto de partida para uma missão divina, uma fonte de tensão social e psicológica que recebeu e recebe diferentes significações. Ela podia ser um problema de ordem moral e racional, e também muito necessária. Mas o fato é que a

escavidão se tornou legítima em muitas sociedades, ou assim foi justificada, não por meio de argumentos econômicos, mas puramente culturais, nas diferenças atribuídas a religião, ao sangue, a cor e a cultura.

Segundo Davis (2001), Aristóteles<sup>1</sup> vê a escavidão como um meio necessário de suprir as necessidades do homem. Em sua visão filosófica, todos desde o seu nascimento já tinham um destino traçado: uns nasceram para governar e outros para serem governados. Para Santo Tomás de Aquino a escavidão não podia ser um bem do homem, porque ninguém a deseja, mas que ela “ [...] era um meio útil e necessário, ainda que um tanto doloroso, de preencher os propósitos da natureza” (Davis, 2001, p. 118). Para Antonio Vieira a escravização dos negros era justa. Pois mesmo que sofressem, deviam suportar com paciência, sem esquivar-se do seu dever, pois um dia assim como o Redentor teriam seu mérito.

De acordo com o autor, para a cultura ocidental a escavidão sempre esteve associada a certas religiões e doutrinas filosóficas. Quando relacionada à questão da colonização americana, a escavidão era vista como uma oportunidade de a humanidade criar uma sociedade mais perfeita, de livrar os africanos do seu paganismo<sup>2</sup>.

No entanto, era pecado tornar um homem escravo, ou pecado seria deixá-lo a mercê do paganismo, sujeito as tentações e aos pecados humanos? Era, pois, a escavidão algo natural? O que era moralmente correto?

A salvação da alma sempre foi mais importante que a salvação do corpo. Na cultura ocidental, a América era vista como um paraíso terrestre, onde o Novo Mundo era associado ao deserto do Velho e do Novo Testamento, lugar de tentação, obrigação e promessa. Portanto, se o paganismo era a morte certa, a escavidão era

---

<sup>1</sup> Aristóteles via a escavidão como produto da natureza, por isso, utilizava-se da expressão ‘escravo natural’.

<sup>2</sup> Pela geografia do sagrado, ao relacionarmos Europa, África, América e Ásia podemos entender bem a dinâmica do século XVI, tempo de exploração de novos espaços, descoberta do Novo Mundo e a corrida pelo domínio e colonização do Brasil. Afinal por que a idéia de salvar as almas do seu paganismo? Do que se valia a dinâmica cristã? Respondendo a divisão intercontinental da produção, a Europa como modelo de conduta e moral cristã, deveria salvar os povos do seu paganismo. A África, necessitando de religião, teria seu povo salvo pelo domínio cristão. O Brasil correspondia ao novo espaço onde esses indivíduos seriam cristianizados e certamente escravizados. As especiarias do Oriente continuariam a trazer lucratividade. E a escavidão, como nos lembra Alencastro (2000), se resumiria num ato de generosidade, livrando os africanos de uma morte certa e direcionando-os a um mundo civilizado e avançado - o europeu.

o preço pago pela salvação desses indivíduos. Pela escravidão estariam eles redimidos do seu pecado<sup>3</sup>.

Contudo, fazia-se ainda necessário a conversão religiosa dos negros, um modo segundo Dias (2008) de incutir-lhes a religião e torná-los através do batismo e da catequese, homens dóceis e aptos ao trabalho. Por isso, quando desembarcados nos portos deveriam receber o batismo e assim serem iniciados na doutrina católica. Processo esse que encontrou muitos obstáculos seja na ausência de padres para ministrarem o sacramento, na pressa em comercializar a mão de obra, no desinteresse dos proprietários em batizar os seus escravos.

Davis (2001) lembra que os católicos mostravam-se muito mais preocupados com as almas dos negros, do que os protestantes. No entanto, por mais que falassem em nome da religião, não abriram mão da propriedade escrava. Eram também senhores de escravos e homens da fé, de uma religião que prometia por meio da escravidão a salvação dos indivíduos, e que por isso, a legitimava.

A escravidão está envolta numa dimensão histórica e principalmente cultural. Enquanto um conjunto de relações estabelecidas entre o escravizador e o escravizado, a escravidão foi considerada legítima em algumas sociedades, embora em outras ela tenha se apresentado como um mal, deformador dos princípios morais e cristãos.

Ao contrário do que afirmava Aristóteles em sua concepção da escravidão como produto da natureza, nenhum povo nasce originariamente escravo, mas é transformado escravo, podendo ou não transmitir seu status as futuras gerações. Trata-se como nos lembra Kopytoff (1982), de um processo de transformação de status, de homens livres para escravos. Na África, a escravidão não era uma condição que se passava aos descendentes, somente quem era capturado era escravo. No Brasil, porém, a escravidão se sucedia as gerações futuras.

De acordo com Meillassoux (1995), a escravidão só pode ser definida

[...] como modo de exploração, se se constitui uma classe distinta de indivíduos, com um mesmo estado social e renovando-se de forma contínua e institucional, de tal sorte que as funções que essa classe realiza estando garantidas de modo permanente, as relações de exploração e a classe exploradora que delas se beneficia também se reconstituem regular e continuamente. (p. 28)

---

<sup>3</sup> A idéia da escravidão como um cativo redentor, aparece na obra de muitos padres, assim como a história da maldição de Can, que ao zombar de seu pai, transmitiu aos seus descendentes a punição pelo seu erro.

Ou seja, para o autor que alia a Antropologia à História, para analisar o conceito de escravidão, ela só se constitui como sistema, se houver a continuidade das relações escravagistas, bem como da perpetuação dos escravos através do comércio ou da reprodução natural, que coloquem os grupos em contato e promovam uma relação de exploração e dominação sobre a categoria dos estranhos, que por sua vez deve ser distinta da categoria dos parentes.

Para Eltis (1993), diferente do culturalismo presente na obra de Davis, no entanto, sem negar a sua importância, a escravidão por ser necessária aos povos é justificada por razões econômicas. Por isso, é preciso levar em consideração as razões econômicas que levaram determinados povos a escravizar outros e no que ela contribuiu para o crescimento e posterior queda no tráfico de escravos. Porque tais grupos foram considerados elegíveis para serem escravizados e por quais razões isso foi mudando com o passar do tempo. Entender os motivos de a escravidão não ter sido reinserida no Novo Mundo nas suas velhas bases. Analisar como a escravidão se relaciona com o conceito de raça no mundo moderno, o que por sua vez fez com que em determinado momento europeus quisessem convencer que somente não europeus poderiam ser escravos. Conhecer as formas de trabalho existentes no mundo da era moderna.

[...] Como os europeus vieram e impuseram a escravidão ou condições quase escravas na população européia, e finalmente por que afastaram a escravidão como um status para outros grupos. Esse caminho poderia ajudar a esclarecer os parâmetros culturais e ideológicos que ao final levou a converter ao Novo Mundo de escravos africanos e manteve aos europeus como não escravos (Eltis, 1993,p. 06).

Outro fator de grande relevância para entender o complexo da escravidão e suas razões econômicas é o tráfico de escravos.

Miller (2006) em entrevista à Revista de História da Biblioteca Nacional lembra a importância em estudar e analisar a questão do tráfico de escravos para entender o problema da escravidão no mundo moderno. Segundo o autor, diferente do que acontece no mundo clássico, na era moderna a escravidão passa a ser definida como uma instituição pública legal, devido à necessidade de atender a demanda produzida pelo tráfico, nas despesas com a compra de escravos e o seu traslado para as Américas. Por isso, o autor denomina a história do tráfico atlântico

como uma história econômica, onde a estrutura financeira tornava-se cada vez mais complexa e exigia-se cada vez mais crédito.

Em outro artigo *O Atlântico Escravista*, Miller (1997) aponta a empresa açucareira como extremamente essencial para o desenvolvimento da escravidão no Novo Mundo, ao proporcionar emprego e um bom negócio e envolver um montante significativo de dinheiro, seja em metais preciosos, ou conseguidos através de empréstimos. “O açúcar foi o produto dinamizador de uma amarga economia que ligava três continentes, ao longo de mais de três séculos, através de fluxos- ou, neste caso, também correntes- de povos, produtos e minerais preciosos” (p. 09). Por isso, para o autor, a importância em entender a dinâmica escravista nas Américas e no Atlântico exige a ligação com as plantações de cana de açúcar e o tráfico de escravos da África<sup>4</sup>. Mas principalmente em compreender a escravidão como produto do tráfico de escravos.

Como afirma Serrano e Waldman (2008), o tráfico de escravos foi o processo que mais contribuiu e possibilitou que um determinado grupo se opusesse a outro, e por sua vez, o escravizasse.

Tratar do tema da escravidão não é uma tarefa fácil. Todo conceito têm uma dinâmica e historicidade, além de sua especificidade. Como afirma Rede (1998) “seria necessário, antes de mais nada, reafirmar a dificuldade de estabelecer um conceito de escravidão minimamente satisfatório para dar cobertura a manifestações históricas muito diversas” (p. 01). Compreender seus significados exige rever padrões de continuidade e mudança de atitudes, analisando como cada sujeito histórico a definiu em sua época. Pois, o conceito de escravidão que se aplicava a sociedade antiga, não é o mesmo que se aplica a atualidade, onde existe escravidão, mas de um modo diferente. O sentido de escravizar é o mesmo, o que muda são as formas de escravizar.

O mesmo acontece com os termos escravismo e sistema escravista, ao serem confundidos com o conceito de escravidão.

Segundo Gorender (1988), a escravidão é uma categoria social que por si só, não indica um modo de produção. Como modo de produção, ela tende a estabelecer

---

<sup>4</sup> Segundo Miller (1997), “[...] para iniciar a escravidão como instituição comercial foram necessárias quantias de dinheiro consideradas avultadas naquele período” (p. 12). Eram gastos com a compra e posse da mão de obra, defesa e manutenção de territórios no Mundo Novo, como na construção de engenhos. No caso do Brasil, por exemplo, foi o capital holandês que proporcionou a construção de grandes engenhos no nordeste brasileiro e a vinda de africanos para neles trabalharem.

dois tipos de escravismo, o escravismo patriarcal na economia natural e o escravismo colonial na produção de bens comercializáveis. O escravismo<sup>5</sup> tem o trabalho escravo como tipo dominante de exploração de mão de obra.

A definição de escravo também é um conceito amplo, e que não deve ser utilizado como sinônimo de servo, vilão, cativo.

O cativo não se vê privado do processo produtivo (por compensar os que não produzem mais e aqueles que ainda não produziram) e do aparato reprodutivo (o direito de pater famílias, de ter filhos), ao contrário do escravo, que se vê excluído desses dois processos.

Segundo Meillassoux (1995), nas sociedades antigas a definição para escravo<sup>6</sup> era bastante extensa. “[...] A maioria das sociedades escravagistas possui vocabulário extenso, recobrando diversas condições de sujeição que não tem mais equivalentes em nossas línguas e que se traduzem uniformemente como ‘escravo’” (p. 09).

De acordo com Rede (1998), o escravo estaria apartado não só do controle dos meios de produção, como do seu próprio esforço produtivo.

Para Davis (2001), o servo é responsável por obrigações e serviços prescritos, sujeito a um lorde particular, e em geral, fora das inseguranças da escravidão. Já o vilão, que achou proteção na imobilidade econômica do sistema, tinha sua dignidade de ser humano reconhecido pela igreja, que santificava seu casamento. O código penal fazia poucas distinções entre vilões e livres.

Para os gregos, os escravos eram um tipo de propriedade com alma, mas que não podiam ter relações legais com os livres. Já os escravos romanos participavam de uma família geral, onde a distinção racial não tinha traços muito fortes. Ao contrário do que acontecia no mundo árabe e no Egito, fortemente marcados por distinções raciais.

[...] Os muçulmanos não aceitavam a legitimidade da escravidão do negro, mas tendiam a considerar os negros africanos como uma raça dócil, que tinham nascido para ser escravos. A palavra árabe para designar escravos, *abid*, era cada vez mais destinada aos negros. (Davis, 2001, p. 68).

---

<sup>5</sup> Escravismo: sistemas econômicos movidos em função do trabalho forçado de escravos. Os regimes escravistas não existem antes da Idade Moderna, mas a escravidão sim.

<sup>6</sup> O fato de se estar subjugado a alguém na própria família, já tornava o indivíduo um escravo na sociedade antiga.

O escravo nem sempre foi visto em todas as sociedades como um objeto, uma mercadoria, e muito menos, como um bem alienável, uma vez que ela não seja um atributo inerente a ele. De acordo com Rede (1998, p. 02), “[...] existem sociedades em que o escravo não se torna, em nenhum momento, um bem que se possa vender ou comprar”.

O processo que convertia os indivíduos à condição de escravo em vários povos africanos possuía origens diversas. Todavia, independentemente de sua origem, devemos frisar que, nas diversas sociedades africanas das quais possuímos conhecimento, o escravo não se apresentava como uma propriedade no seu sentido ocidental. (Serrano e Waldman, 2008, p. 169).

Na África os sentidos e significados atribuídos a escravidão não tomam a mesma forma na cultura ocidental. Nela um homem reduzido à escravidão, não era tomado como uma propriedade, mas como um patrimônio, o que impedia sua circulação fora da linhagem da sociedade a qual pertencia.

Por isso, é preciso estar atento as particularidades de cada sociedade escravista. Pois os conceitos variam no tempo e espaço, e estão sujeitos as variações sociais, políticas, econômicas e culturais.

## 2.1- Sobre a escravidão e os escravos no Brasil

A escravidão enquanto instituição mais presente de toda a história é essencial para compreender a formação e o desenvolvimento do Brasil, bem como do Paraná. Desde o século XV, um grande contingente de negros foi trazido ao Brasil, para servir de mão de obra dos senhores e proprietários de terra. Estima-se que mais de três milhões de africanos tenham desembarcado em portos brasileiros, vindos das mais diferentes regiões da África. Foram mais de trezentos anos de história e cultura vividas e revividas, criadas e recriadas.

Mattoso (1982) em seu livro *Ser escravo no Brasil* trata de diferentes aspectos com relação à escravidão. Segundo a autora, a travessia a bordo do navio era longa. Vinham acorrentados e amontoados uns sobre os outros. O calor e o mau cheiro eram insuportáveis. Faltava comida. Muitos ficavam doentes. E por isso, a taxa de mortalidade era alta.

Quando desembarcados nos portos eram postos a engorda. Passavam óleo sobre seus corpos, escovavam seus dentes. A boa aparência era imprescindível



para realizar uma boa venda. Podiam ser vendidos em leilões públicos ou em vendas privadas. Seu preço variava de acordo com a idade, o sexo, suas aptidões para o trabalho, o estado de saúde, as despesas do tráfico que incluíam a distância entre o porto de saída e o de chegada.

De acordo com a autora, os africanos desembarcaram no Brasil através de quatro grandes ciclos: Congo, Angola, Costa da Mina e Baía de Benin. O tráfico além de atender a demanda por mão de obra no processo de colonização e exploração do território mesclou diferentes etnias e culturas. No entanto, ao contrário do que ela afirma, os escravos<sup>7</sup> eram trazidos de diferentes regiões devido a sua especialidade, não como um modo de garantir a paz e segurança local, evitando rebeliões e conflitos.

Os séculos XVI e XVII destacaram-se pela atividade canavieira em Pernambuco e Bahia de onde foram trazidos escravos da costa da Guiné e de Angola. O século XVIII destacou-se pelas atividades mineradoras que demandaram mão de obra escrava bastante considerável, vinda de Angola e da Costa da Mina. O século XIX destacou-se pela vinda de escravos da Baía de Benim para trabalharem no ciclo do café.

Cada uma dessas atividades demandou a busca por um 'tipo de especialidade'. De acordo com Schwarcz (1988), para as atividades de fabrico de açúcar e as técnicas exigiam-se trabalhadores qualificados e semiqualificados. Situação essa que não conseguiria ser suprida por trabalhadores europeus, por ser um número bastante limitado. No entanto,

Uma longa experiência com a escravidão negra na península ibérica, intensificada durante a expansão da indústria açucareira no Atlântico, familiarizara os portugueses com os africanos e suas aptidões. [...] No Brasil, os colonizadores, há tempo habituados ao emprego, em Portugal e nas ilhas atlânticas, de negros em serviços domésticos, como artesãos urbanos e escravos especializados, começaram a pensar na África como uma fonte lógica de homens com tais aptidões. (Schwarcz, 1988, p. 68)

De acordo com Schwarcz (1988), o trabalho nos engenhos combinava tarefas especializadas e semi-especializadas. Os tambores exigiam habilidade e cuidados

---

<sup>7</sup> Mattoso (1982) em seu livro analisa o "ser escravo no Brasil", apontando para as relações de amizade criadas entre os escravos nos portos de desembarque, os laços de solidariedade forjados entre os africanos e crioulos, sendo mais forte no primeiro grupo. As diferenças nas formas de escravizar no campo e na cidade e a relação de obediência. A necessidade de pão, pau e pano, para garantir o bom andamento do projeto escravista.

no uso da máquina que moeria a cana, principalmente porque um descuido qualquer podia causar sérias complicações, muitas vezes podendo o escravo perder o braço, a mão, ou até mesmo morrer. As caldeiras e tachos exigiam habilidade e conhecimentos técnicos, adquiridos através da experiência e aprendizado de anos. Os cativos que fossem empregados para trabalhar com as caldeiras, podiam aprender o ofício desde pequenos. Deveriam saber manter a temperatura adequada em cada caldeira, quando acrescentar a cal, cinza ou água e como escumar o caldo.

O ritmo de trabalho nos engenhos durava cerca de nove meses, onde a cana era cortada, moída e fabricado o açúcar. Exigia-se mão de obra para preparar a terra e plantar a cana de açúcar, limpar os canaviais.

O engenho para Schwarcz (1988) configura-se como um precursor da indústria moderna, por agregar um processo complexo de tecnologia, administração e mão de obra especializada. Pois, o açúcar estrutura uma sociedade bastante distinta e que continuará a render lucros ao Brasil mesmo no auge da mineração. Além de se constituir como o primeiro complexo agro exportador industrial, a sociedade açucareira é escravista, monocultura, especializada, latifundiária, patriarcal.

A mineração atividade que se destacou em fins do século XVII na região de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, também demandou mão de obra especializada para o trabalho nas minas. Grande parte dos mineradores eram escravos vindos da costa da Mina, que dominavam conhecimentos e saberes relacionados às técnicas de mineração, como extração, remoção e beneficiamento, já utilizadas por eles na sua terra. “O processo de fundição do minério aurífero e de ferro, com utilização de fornalhas e foles, já era conhecido e usual no continente africano, como na África Central, hoje Zimbábwe, antes de 1500” (Reis e Souza, 2008, p. 4). As mulheres também eram mão de obra especializada nas atividades de mineração tanto no continente africano como no Brasil.

De acordo com Reis (2008) a existência de escravos barbeiros, curandeiros, ferreiros, carpinteiros auxiliavam os senhores a diminuir seus gastos nos plantéis. Detentores de tais especialidades podiam ser empregados no conserto de alguma ferramenta utilizada nas minas, bem como tratar de outro escravo quando esse tivesse adoecido, ou ferido.

É importante lembrar que paralelamente a atividade desenvolvida nos engenhos, nas minas, onde se empregaram mão de obra escrava, desenvolviam-se outras como a agricultura de subsistência, criação de gado, pecuária.

Karasch (2000) em seu livro *A vida dos escravos no Rio de Janeiro- 1808-1850* revela aspectos típicos de uma sociedade que mistura urbano e rural, pois era comum encontrar no espaço 'urbano carioca', assim como em outras regiões brasileiras, sítios, chácaras, animais transitando pelas ruas. Como Mattoso (1982) a autora apresenta traços gerais da escravidão no Brasil, em específico o caso do Rio de Janeiro com a chegada da família real, mas principalmente elenca características a cerca da escravidão urbana<sup>8</sup>, atentando as especificidades dos trabalhos desempenhados por escravos.

Os africanos que desembarcavam no Rio vinham do centro oeste africano, da África Oriental e da África Ocidental, bem como do tráfico interprovincial.

No Rio de Janeiro do século XIX, muitas eram as atividades exercidas pelos escravos, fosse à ocupação braçal especializada ou não. Trabalhavam nas atividades agrícolas e de subsistência; no cuidado e alimentação de animais; na caça e pesca de conchas de oceano para a indústria de cal; de barqueiros e marinheiros; como operários fabris e trabalhadores de pedreiras; com alfaiates e modistas; na construção de estradas; como acendedores de lampião nas ruas; como bombeiros. De escravos de aluguel e de ganho, nos serviços domésticos. Como carregadores, função essa que se destaca com a vinda da Família Real ao Brasil, onde carregavam tanto pessoas, quanto tinhas de água, dejetos. Segundo Soares apud Terra (2007), os que não tinham sua função mencionada nas licenças, trabalhavam na sua maioria como carregadores - esta era a atividade que não exigia qualquer especialidade. No entanto, mesmo sendo uma das principais funções exercidas pelos escravos de ganho<sup>9</sup>, isto não quer dizer que eles não tivessem conhecimento e aptidão para outros afazeres, principalmente tendo em vista de que muitos escravos trabalhavam em mais de um ofício.

---

<sup>8</sup> A escravidão urbana é complementar a escravidão do campo, na essência de que muda apenas a forma de "escravizar", mas não o sentido. A vigilância, por exemplo, na cidade se dá através da polícia, onde no campo esse trabalho fica a cargo do capataz. Nas cidades os escravos eram amarrados e açoitados publicamente, no campo eram as surras ao tronco.

<sup>9</sup> O escravo de ganho após realizar as atividades na casa do seu dono saía às ruas para oferecer os mais diferentes serviços tendo que repassar ao seu senhor parte daquilo que recebesse. Alguns chegaram a morar sobre si; a pagar o preço pela sua liberdade; a possuir alguns bens e até mesmo outros escravos. Gozavam de mais liberdade e independência se comparado a outros escravos.

No Paraná, por mais que a escravidão não tenha sido em grande escala, não significa dizer que ela tenha sido um fator inexistente. Se comparada as grandes cidades da época como Salvador, Curitiba que em meados do século XIX, contava com uma população de 70 mil habitantes era pequena. Mesmo o tropeirismo tendo impulsionado o nascimento de Curitiba, é somente a partir de 1820, com o início da economia do mate, que a cidade vai enriquecer e se desenvolver e aos poucos crescer. Pois mesmo que o tropeirismo gerasse um comércio, ele fica em torno da economia de subsistência, ao contrário da erva mate que terá sua produção voltada ao mercado exterior e mesmo sendo rústica e precária, será a primeira experiência industrial na região.

Segundo Pereira (1996) o litoral caracterizava-se pelo comércio, os engenhos de descasque de arroz, produção de cachaça e beneficiamento do mate. Nos Campos Gerais eram os latifúndios agropastoris (pecuária bovina, invernagem e comércio de muares) e no Planalto de Curitiba além do gado, o que mais se destacava era o beneficiamento do mate. Diferente da região dos Campos Gerais, não podemos atribuir a Curitiba a característica de uma sociedade eminentemente escravista, o que não implica em dizer também que este fator tenha sido nulo.

Os escravos trabalhavam em diferentes espaços. Nas atividades tropeiras, nos engenhos de erva-mate, nos centros urbanos como artesãos, escravos de ganho e aluguel, em serviços domésticos, prestando serviços à municipalidade. Pena (1999) destaca que 52,7% dos escravos no Paraná eram lavradores, cultivando diferentes gêneros alimentícios, entre a colheita, o preparo e o benefício preliminar da erva-mate (que era feita a soque de pilão). Alguns ainda administravam a fazenda, enquanto os proprietários estavam fora, mas isso desde que reconhecessem os laços de servidão para com os seus senhores. Contudo, muito embora o predomínio de escravos em atividades não ligadas ao comércio seja maior no Paraná, isso não quer dizer que a escravidão nas cidades, como em Curitiba, se constitua um fator nulo.

Cada região teve sua especificidade e por isso tornou necessária a busca por uma determinada especialidade escrava, fosse ao espaço rural ou urbano, o que não vai ser diferente com o Paraná.

## 2.2- Sobre a escravidão e o trabalho no Paraná

Compreender o universo do trabalho realizado por escravos no Paraná, sem adentrar no mundo da escravidão e dar atenção as diferentes formas de trabalho é uma tarefa um tanto complicada. Para isso é preciso analisar o conceito de trabalho e como ele foi ao longo dos séculos ganhando novos significados.

Segundo Burguière (1993), o trabalho é “o conjunto das ações que, com uma finalidade prática, com a ajuda do cérebro, das mãos, de instrumentos ou de máquinas, o homem exerce sobre a matéria, ações que, por sua vez, reagem sobre o homem, modificam-no” (p. 754). Ao contrário do labor que é a luta pela sobrevivência, o trabalho representa a conquista de características intelectuais.

De acordo com o autor, nos tempos antigos, o trabalho manual era visto como defeito. O homem livre que exercesse um ofício manual tornar-se-ia degradado, e, portanto, com alma de um escravo. No medievo o trabalho aparece como castigo ao pecado original de Adão e Eva. Somente na concepção da mentalidade moderna, onde o trabalho passa a ser referencial de mundo, que ele adquire o status de honra e heroísmo, pois dignifica o homem<sup>10</sup>.

O trabalho de uma forma ou outra sempre se viu regulado. No Brasil Colonial e Moderno, sem a formalidade das corporações de ofício<sup>11</sup> existentes na Idade Média, o trabalho era regulamentado pelas Câmaras locais, ou mesmo pelas irmandades leigas. O mesmo acontecia com os escravos. Exemplo claro disso, observa-se entre os escravos de ganho das minas setecentistas. Segundo Meneses (2010), os escravos de ganho faziam o exame de ofício frente ao juiz e escrivão dos ofícios específicos. Se fossem aprovados eram submetidos ao controle total da Câmara, onde receberiam uma certidão de exame e uma petição para poder trabalhar legalmente. Deveriam pagar taxas e fazer um juramento de prestar o serviço a comunidade sem negligenciar os preceitos e as leis. Segundo Reis (1993), os escravos de ganho necessitavam de licença de dois mil réis para trabalharem nas ruas, e usar a chapa de aço no pescoço com a identificação do seu dono e o número da matrícula<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> Segundo Mello e Souza (1986), no Brasil Colônia aquele que ficasse mais de 20 dias sem trabalho era considerado vadio, e, por conseguinte, um desclassificado social, sujeito as penas pelo crime de vagabundagem previstos nos artigos das Ordenações Filipinas.

<sup>11</sup> As corporações de ofício eram associações que reuniam trabalhadores de uma mesma profissão.

<sup>12</sup> A Greve Negra de 1857 na Bahia é uma resposta a desumanidade imposta no modo de vigiar e na exploração do trabalho dos escravos de ganho. Segundo Reis (1993, p. 22) ela foi definida pelos vereadores como um “concluío”, na forma de poderem se eximir de toda e qualquer fiscalização. Se para os ganhadores era preciso de licença para trabalhar nas ruas, o uso da chapa ao pescoço foi como uma punição pelo “pecado” da sua origem africana.

No entanto, qual a realidade construída para o trabalho no universo escravo paranaense? Seria o trabalho para o escravo apenas sinônimo de sujeição, ou espaço de sociabilidade e modo de afirmar a sua identidade? Que significados o trabalho adquiriu na vida dos escravos?

É importante frisar que a noção de ‘trabalho escravo’ não deve ser levada em consideração, uma vez que um mesmo trabalho podia ser desempenhado tanto por escravos como por homens livres. O que queremos aqui discutir é a importância dos saberes e técnicas adquiridas e desenvolvidas pelos escravos, compartilhadas com os brancos ou vice-versa. A importância do saber fazer escravo.

O trabalho conferiu diferentes contornos e significados à vida dos escravos. De acordo com Santana (2005),

Locais de moradia, trabalho e divertimento podem refletir espaços comuns de troca e conflito importantes para o entendimento das estratégias de sobrevivência e das formas como esta heterogênea população negra singularizou o espaço físico e social da cidade. (p. 01)

Pelo trabalho, o escravo além de poder conquistar a sua liberdade, pode constituir laços familiares, morar sobre si, efetivar espaços de lazer e sociabilidade, relações de amizade, solidariedade, respeito mútuo e confiança.

Outra questão importante é o valor das especialidades escravas. Segundo Santiago (2008), chega-se a idéia do tráfico negreiro como fornecedor de mão de obra mais ou menos especializada, devido à alta demanda de procura por escravos especializados, como por exemplo, os escravos da mina, pelo reconhecimento do seu know-how mineiro e metalúrgico. A preferência por africanos de determinada etnia não se dava em função de evitar revoltas, mas sim pela valorização dos conhecimentos e domínios técnicos para o trabalho.

Segundo Burguière (1993) é preciso levar em consideração a maneira pela qual o trabalho é sentido e vivido, pois o universo do trabalho passou por grandes transformações desde a antiguidade até os dias de hoje. E enfim, como poderíamos definir o significado do trabalho para os escravos? Essa é uma resposta que se encontra tanto em seu valor para a sociedade da época, como no sentido atribuído às suas vidas, seja na conquista da liberdade, na possibilidade de ascensão social, mas principalmente de conquistas intelectuais.

Neste segundo capítulo buscamos analisar as especialidades escravas no Paraná a partir dos anúncios do Jornal Dezenove de Dezembro, bem como o

aprendizado de um ofício e o tempo para aperfeiçoá-lo. A importância de uma especialidade para determinar o valor de um escravo. E principalmente a importância do trabalho para o escravo.

### **3- A ESCRAVIDÃO E O MUNDO DO TRABALHO NO JORNAL DEZENOVE DE DEZEMBRO: 1854-1888**

O Paraná apesar do baixo percentual de cativos se comparado a grandes regiões escravistas como o Nordeste, contou com a presença de africanos tanto na região urbana quanto rural, que influenciaram fortemente a estrutura econômica e social da província.

Segundo Martins (2010), os maiores índices de propriedades com escravos no Paraná no início do século XIX se encontravam na região dos Campos Gerais, mais propriamente Castro e Palmeira, onde se destacavam atividades de caráter agro pastoril, lavouras de subsistência, colheita e beneficiamento da erva-mate.

Contudo, a posse de cativos no Paraná era pequena, não havia grandes plantéis de escravos por proprietário. Pena (1999) lembra que a partir da década de 50 a população cativa do Paraná diminui cada vez mais, não só como reflexo da proibição do tráfico de escravos, mas do tráfico interprovincial ou intraprovincial dos escravos para as regiões cafeeiras do sudeste.

Ao analisar cada um dos ciclos econômicos do Paraná e suas especificidades, percebemos a importância das especialidades para o trabalho em cada um desses espaços.

O ouro que foi descoberto na região de Paranaguá por volta de 1570 constitui-se como uma espécie de laboratório pela sua experiência administrativa e mineradora ao ciclo do ouro em Minas Gerais. Sendo um ouro de aluvião, ou seja, de fácil extração, e que, portanto, acaba rápido, provoca um esvaziamento populacional, quando o ouro é descoberto nas Minas Gerais. O ouro no Paraná tem maiores significados culturais e sociais do que econômicos. Se torna importante por proporcionar o avanço dos portugueses as fronteiras meridionais do Brasil, por redefinir relações de organização na criação de núcleos populacionais. Contudo, o empobrecimento da atividade mineradora leva a formação de uma nova atividade econômica: a criação de gado, mas principalmente mulas, no tropeirismo.

O tropeirismo, atividade que se destaca no Paraná, na região dos Campos Gerais, entre os séculos XVII e XVIII gera um fluxo bastante considerável de capital. Efetiva o domínio português no Paraná. É fortemente expansionista, apropriador de terras, contribui a formação da elite tipicamente paranaense. Por ser uma sociedade escravagista, patriarcal e religiosa, sem aparato jurídico formado o que demanda a



necessidade do homem armado, gera relações de compadrio e confiança ao deixar o escravo para cuidar da fazenda enquanto o tropeiro sai com suas tropas. Neste ciclo há a circulação de mercadorias e riquezas, onde o valor contido nas tropas chega às vezes a superar o valor da fazenda.

A erva-mate, ciclo que se destaca a partir do século XIX tem sua produção voltada ao mercado exterior, diferente do que acontece no tropeirismo. É através da exploração da economia do mate que Curitiba vai se desenvolver. Conforme Zulian (1998), a economia do mate e suas unidades produtivas centravam-se na cidade, o que a torna por excelência, uma atividade de caráter eminentemente urbano. A burguesia do mate rejeitava o modo de vivência luso-brasileira, apropriando-se de uma linguagem não colonial, permitindo assim que o novo arranjo sócio econômico urbanizasse o Paraná.

De acordo com Pereira (1996), “desde o século XVIII, a extração da erva-mate firmou-se como a alternativa preferencial de obtenção de alguma renda em dinheiro” (p. 46), aonde trabalhadores europeus e escravos trabalharam juntos na atividade de beneficiamento do mate. O século XIX foi da “consolidação do Estado e de um processo de urbanização, mas foi também o século da transformação das estruturas produtivas” (p. 78), onde a mão de obra escrava vai predominar na cultura do mate até meados do século XX.

No estado do Paraná o escravo negro esteve presente de forma significativa no Litoral ou no Planalto, nas cidades, vilas e freguesias, na mineração, na pecuária, na agricultura de subsistência, no cultivo da erva-mate ou no café (Hartung, 2005, p. 06).

Nas fazendas, por exemplo, destinavam-se além das atividades agrícolas, aos serviços domésticos, aos trabalhos de carpinteiros, sapateiros, cozinheiros, arrieiros, campeiros, domadores, trabalhando lado a lado com senhores e camaradas. Cuidando das fazendas, chefiando as propriedades e outros escravos, fruto da relação fidelidade- confiança entre senhor e escravo no tropeirismo.

Segundo Pena (1999) a Província do Paraná em 1875, que contava com uma população em torno dos 128 mil habitantes, aproximadamente 10% era escrava, sendo que 42,4% trabalhavam no serviço doméstico. Com uma maior concentração de mulheres, as atividades eram de cozinheiras e copeiras. Quanto ao ofício de artesãos, apenas 3,9% da população escrava paranaense vai trabalhar nela, sendo na sua maioria homens.

De acordo com Pereira (1996), “no Paraná, os serviços de pedreiro foram durante muito tempo monopólio do braço escravo. Portanto, não é de se estranhar que justamente entre esta categoria apareçam os trabalhadores mais qualificados” (p. 79). Destaca-se, por exemplo, a construção do cemitério em Antonina por volta de 1880. Alguns escravos, ainda vão prestar serviços à municipalidade. “Em Antonina, o escravo Thomaz foi durante anos o responsável pelos lampiões da cidade, recebendo por seus serviços a quantia de 15\$000, que sua proprietária Maria Porcina Pereira comparecia mensalmente a Câmara para receber” (p. 80).

No Paraná, onde a prática do ganho não se tornou tão consistente e forte como em outras regiões do Brasil, pudemos analisar através de Pena (1999) a função assumida pelo escravo Barnabé Ferreira da Silva, de 33 anos, brasileiro, nascido em São José dos Pinhais, que era um exímio sapateiro. Quando foi vendido a Constantino Ferreira Bello, ele “conseguiu negociar com o novo proprietário a sua transformação em negro de ganho” (p. 245). Trabalhando como sapateiro e entregador de jornal, deveria entregar a quantia de 15 mil réis para o seu senhor, valor esse que ele conseguiria juntar facilmente se vendesse 2 pares de botina ou 3 pares de chinela. No entanto, morando sobre si, esse repasse tornara-se um tanto pesado. Por isso, junto ao seu curador e aproveitando-se da condição de escravo de ganho e de sua ‘independência’, ele apresentou ao juiz os seus recibos de aluguel, alegando a condição de escravo isolado e abandonado pelo seu proprietário, na condição de que ao seu senhor caberia cobrir a sua habitação.

Nas atividades ligadas ao comércio o número de escravos empregado era menor. Pereira (1996) lembra que “[...] se na área industrial os donos de engenho davam preferência à contratação de negros, no comércio, onde o empregado tinha um contato direto com a população, o escravo deveria ser sistematicamente excluído” (p. 85 e 86). Como símbolo de inferioridade, era uma época que deveria ser esquecida. Por isso, em nome da rejeição do escravismo, rejeitava-se a figura do escravo.

As duas maiores cidades da Província, Curitiba e Paranaguá adotaram dispositivos legais que impediam os escravos de ter acesso ao comércio e ao mercado de trabalho livre, uma vez que o que agravava ainda era o fato não de ser escravo, mas de ser pobre, de pertencer às classes baixas. Onde mesmo, que conseguissem conquistar a sua liberdade, isso não significava que tivessem uma mudança de classe social, pois eles pertenciam à classe da imoralidade. Tratava-se

do sentido morigerador, na transformação de indivíduos que interiorizassem o ideal burguês: era a égide do bom trabalhador.

Já nas cidades menores e mesmo na região dos Campos Gerais, não se encontram dispositivos legais, uma vez que como nos lembra Pereira (1996), as relações de mercado não se deram na mesma instância e a comunidade ainda tinha um papel muito forte na vigilância dos escravos.

Cada uma das atividades acima citadas, onde de uma forma ou outra se empregaram mão de obra escrava, demandou a busca por uma especialidade, devido ao conhecimento de um ofício e domínio de um saber. Os anúncios de jornais da época evidenciam traços típicos da relação entre escravidão e trabalho na sociedade paranaense. Contudo, de que modo o jornal, como veículo de informações, através dos anúncios publicados, nos leva a compreender o valor do saber fazer escravo para o Paraná? Uma leitura cuidadosa dessas fontes nos leva por caminhos ricos de interpretações e significados.

### 3.1- Especialidades escravas no Paraná: uma relação entre escravidão e trabalho nos anúncios do Dezenove de Dezembro

Um diplomata português que no fim da vida deu para escritor, revelando-se então um dos homens de mais espírito do seu tempo, observou que nos anúncios de jornais- nos do The Times, por exemplo- encontravam-se: “dramas em três linhas, romances em duas linhas e meia”. E comentava: “A história da humanidade encontra-se mais nos romances que nos livros de história; e mais ainda que nos romances, encontra-se nos anúncios dos jornais. (Freyre, 1984, p. 3)

Sem qualquer contestação, *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX* (Freyre, 1984) constitui obra importantíssima e ponto referencial para quem deseja se aventurar pelo campo da escravidão através da anunciologia. Além de excelente análise, o autor resgata o valor dos anúncios jornalísticos como fontes para o estudo e escrita da história.

Segundo Freyre (1984), “o anúncio, desde o seu aparecimento em jornal, começou a ser história social, e até, antropologia cultural, da mais exata, da mais idônea, da mais confiável” (p. XI). Eles retratam as modificações nos usos sociais brasileiros, a revolução causada pelas máquinas nos hábitos do homem. Visam estabelecer “tipos de familiaridade, associação, automatismo” em torno do objeto

anunciado [...] procura-se atrair, prender, absorver” (p. XLIII), por meio de um palavreado bastante prático, que conquiste o leitor no objeto que se anuncia.

Os anúncios como fontes históricas, expressam a ideologia de uma época, retratam modos de ser e viver de um tempo. Através deles podem-se desprender muitos significados da escravidão, das especialidades escravas e do ser escravo na província paranaense.

Graf (1981) em seu livro *Imprensa Periódica e Escravidão no Paraná* analisa por meio de periódicos as ideologias abolicionistas e emancipacionistas no Paraná. Ao citar o Jornal Dezenove de Dezembro, primeiro da província, criado em abril de 1854, por Cândido Martins Lopes, ela lembra seus objetivos de “[...] informar o público dos procedimentos do governo da Província, divulgando os atos oficiais, e também os de apontar e discutir as medidas que fossem mais adequadas para o progresso da província” (p. 23). O jornal que circulou até 1890, nos torna possível também compreender a escravidão enquanto instituição presente e o seu papel no desenvolvimento e crescimento do Paraná.

De acordo com a autora, no ano de 1885, o Jornal Dezenove de Dezembro fundiu-se com o jornal Província do Paraná, porém no ano de 1890 deixou de circular, cumprindo o decreto 209 de março do mesmo ano que limitava a liberdade de suas publicações. Inicialmente era publicado aos sábados, passando no ano de 1855 a ser publicado nas quarta feiras. Até o ano de 1861, o jornal mantinha o mesmo formato de quando surgira. Em 1862 o formato muda um pouco, aumentando de tamanho. Porém é no ano de 1870 que ele passou a circular no formato grande que manteve até o fim. Desde 1871, ele passou a ser publicado nas quarta feiras e sábados e no ano de 1884, torna-se diário, não sendo impresso somente nas segundas feiras. Em 1887 torna-se bissemanário, mantendo essa estrutura até o fim. Quanto à numeração do jornal, ela era contínua até o ano de 1881, com exceção do período de 1854 a 1858, onde no mês de abril de cada ano colocava-se nova numeração. De 1881 até 1890, a cada ano iniciava-se nova numeração.

O trabalho com fontes periódicas, como jornais e revistas, exigem trato metodológico e cuidados bastante específicos, pois é um meio expressivo de idéias e valores de um determinado tempo. Segundo Luca (2008), o jornal

[...] não pode ser dissociado das condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, os objetivos propostos, o público a que se destinava e as relações estabelecidas com o mercado, uma vez que tais opções colaboram para compreender outras formas. (p. 02)

Segundo Schwarcz (1987), “todo jornal é uma loja onde se vendem ao público palavras da cor que deseja [...]. Um jornal não é feito para esclarecer, mas para lisonjear as opiniões [...]” (p. 245).

Os anúncios nos revelam diferentes aspectos da sociedade paranaense marcada pela escravidão. Mas como trabalhar com a questão da anunciologia? O que os anúncios do jornal Dezenove de Dezembro nos permitem verificar sobre as especialidades escravas na província paranaense?

Segundo Schwarcz (1987), o negro nos jornais de São Paulo no século XIX era visto sob os aspectos do cativo e da marca da sua origem. O negro das ocorrências policiais, o negro que se evadiu, que é centro de notícias escandalosas, o negro que é oferecido como mão de obra, enquanto bom e o negro objeto de discurso dos editoriais científicos.

Através dos anúncios do jornal Dezenove de Dezembro, podemos analisar as especialidades escravas que mais se buscam e que mais se oferecem na sociedade paranaense e se elas suprem a demanda social (o anúncio aparece quantas vezes naquele mês, foi preciso repeti-lo por quê?). A questão econômica do período, tendo em vista que o jornal anuncia escravos não só da capital da província. O valor e o preço do escravo que são conceitos distintos, uma vez que é o valor que determina o preço. Distinções de cor a partir das características feitas nos anúncios (é cabra, mulato, pardo), como por exemplo, nos anúncios de fuga. O que se estabelece ao escravo no anúncio, o que ele precisa saber fazer para o exercício de tal função.

“ATENÇÃO. Vende-se uma preta de idade de 20 anos, cozinha, lava, engoma e faz todo serviço de uma casa de família; para ver e tratar, em Paranaguá na rua das Flores n. 5.” (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 13 de Janeiro de 1858, Ano IV, Nº 75, p. 04).

No anúncio acima vende-se uma preta que por suas aptidões no cozinhar, lavar e engomar se destina aos serviços de uma ‘casa de família’ na região litorânea da província. É importante destacar o uso dessa expressão como forma também de lembrar os serviços prestados pelos escravos domésticos, muito usuais e comuns na

sociedade escravista brasileira. Era comum ter pelo menos um escravo em casa para que se destinasse aos serviços domésticos.

Como nos lembra Silva (2006) ao estudar a dinâmica do trabalho escravo nos dois grandes centros comerciais do Brasil no século XIX, Recife e Salvador, revela que ao serem excelentes núcleos para se ganhar a vida, a maioria dos escravos encontrava serviço no trabalho doméstico, pois para as famílias ricas, era sinal de status, ter em sua casa diversos criados. Mas no meio urbano, como nem todos os senhores podiam ter mais que uma criada na casa, isso significava que além de se ocupar dos serviços de portas a dentro, ela deveria também realizar os de portas a fora.

O anúncio abaixo destaca a necessidade do escravo não apenas saber cozinhar, rotina diária de um serviço doméstico, mas também o de fazer compras. É comum encontrar nos anúncios busca por escravos que não se destinem apenas aos serviços dentro da casa, mas também fora dela, como afirma Silva (2006).

“PRECISA-SE alugar um preto que saiba cozinhar e fazer compras; na rua Fechada n. 8”. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 27 de Fevereiro de 1856, Ano II, N<sup>o</sup> 48, p. 4).

O anúncio abaixo se refere à locação de um preto, que precisa saber o trivial do serviço doméstico. O escravo que fosse alugado por seu senhor a terceiros, tinha um contrato firmado entre o seu proprietário e a pessoa que desejasse alugá-lo. Não são todos os anúncios de aluguel de escravos que destacam o valor a ser pago pelos seus serviços. Mas através desse valor podemos inferir a importância de um escravo que se destinasse ao serviço doméstico e os critérios tomados para determinar seu preço. Afinal qual o valor atribuído ao saber fazer de um escravo doméstico?

PRECISA-SE de uma criada, que saiba lavar e engomar, na rua Fechada, casa nova do Sr. Mariano. Dá-se mesmo quatorze mil réis, de aluguel, no caso de servir. Na mesma casa se precisa de um criado allemão de 15 a 16 anos, que saiba fallar um pouco o portuguez. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 23 de Janeiro de 1858, Ano IV, N<sup>o</sup> 78, p. 4).

O anúncio abaixo de venda destaca além da idade da escrava e suas boas aptidões para ser mucama e cozinheira, o fato de ela ter um filho de cor parda. No entanto, é bom lembrar que nem sempre mãe e filho eram vendidos juntos. Muitos

escravos eram separados de suas famílias<sup>13</sup> no momento da venda, burlando assim a lei que a proibia. Outra característica importante destacada no anúncio se refere à cor do escravo<sup>14</sup>, o que nos permite mapear, mesmo que superficialmente a origem dos escravos e como eles eram classificados na sociedade escravista paranaense a partir de sua representação identitária. Libby (2010) questiona a denominação parda atribuída aos escravos, por ser ela muito complexa, pois poderia se referir tanto a um grau de ascendência escrava ou de miscigenação. A representação de pardo quase sempre passava de pai para filho e as designações referentes à tonalidade de pele passavam de geração a geração.

De acordo com Moreira (2010), um mesmo escravo poderia receber denominações diferentes de cor, com o passar dos anos- pode ter sido considerado africano de nação tal e depois ter passado a crioulo. Isso se explica pelo fato de ele avançar hierarquicamente. Essas denominações, portanto, ligam-se muito mais a posição social do indivíduo do que a sua identidade racial.

VENDE-SE uma escrava preta, idade de 28 annos mais ou menos. Serve para mucama e é boa cosinheira, tem um filho de 6 annos mais ou menos, pardo. Quem pretender diriga-se a esta typographia ou ao Sr. Jeronimo Gomes de Medeiros. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 09 de Março de 1978, Ano XXV, Nº 1890, p. 4).

Os anúncios abaixo destacam as especialidades dos escravos, 'um bom official de sapateiro'; 'excellente doceiro, padeiro e alfaiate'. Os ofícios artesanais, como o de sapateiro e alfaiate, podiam ser desempenhados tanto por escravos, como por homens livres. São ofícios que comportam anos de aprendizado. É importante destacar a pluralidade de ocupações de um escravo e o domínio de técnicas para o exercício de uma profissão.

Para o sapateiro é preciso saber mais que consertar um calçado, uma bolsa, um casaco de couro. Ele precisa ter habilidades com a linha e o fio, o uso da cola, como pregar, pintar, engraxar, lustrar. O escravo precisava conhecer as técnicas de um produto industrial, para através do seu ofício manufactureiro e artesanal poder consertá-lo.

---

<sup>13</sup> Sobre família escrava ver SLENES, Robert W. **Na senzala uma flor**; FLORENTINO, Manolo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GOES, José Roberto. **Parentesco e família entre os escravos no século XIX: um estudo de caso**. Revista Brasileira de estudos populacionais, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 151-167, 1995.

<sup>14</sup> Sobre 'cor' e origem escrava ver LIBY, Douglas Colle. A Empiria e as cores: representações identitárias nas Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX.

Segundo Gohl (2008), o aprendizado do alfaiate não se dá do dia para a noite, leva anos e anos. Precisa aprender as culturas do vestir-se, conhecer tecidos, dominar técnicas de molde, corte e costura.

SAPATEIRO. Aluga-se ou vende-se um escravo novo, sadio, de excelente índole e costumes, e bom official de sapateiro, prestando se também a outros serviços de que tem alguma pratica; informa-se nesta typographia. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 14 de Agosto de 1880, Ano XXVII, Nº 2017, p. 4).

UM BOM ESCRAVO. Vende-se um escravo crioulo de idade de 28 annos que sabe todo o serviço de uma casa de família, excellente doceiro, padeiro e alfaiate, e é muito fiel. Quem pretender diriga-se ao Sr. Bento Antonio de Menezes, que se acha encarregado da venda. Curityba, 29 de Outubro de 1869. (Jornal Dezenove de Dezembro, 30 de Outubro de 1869, Ano XVI, Nº 1041, p. 4).

Os anúncios procuram destacar também o comportamento e conduta do escravo por meio das características de ‘um bom escravo’, ‘excellente índole e costumes’, fatores esses essenciais para determinar o seu valor naquela sociedade. No segundo anúncio aparecem ainda outras descrições como a idade do escravo, sua cor, com quem tratar (sendo aqui alguém encarregado da venda do escravo e não o seu senhor).

ANNUNCIOS. Uma pessoa que possui um escravo, moço e robusto sem vicio algum, deseja trocal-o por uma escrava nas mesmas condições; convindo que, antes de realizar-se a transaccão, um e outro escravo fique a contento. Será um meio seguro para um negocio consciencioso. Informa-se nesta typographia. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 26 de Junho de 1872, Ano XIX, N º 1313, p. 4)

O anúncio acima se torna um caso bastante particular, dentre todos os outros pesquisados e coletados, por ser o único a destacar uma transação onde convenha analisar se é da vontade dos escravos serem trocados<sup>15</sup>, o que, portanto, nos leva a uma série de indagações. Seria por medo do senhor que seu escravo pudesse se revoltar ou fugir? Seria o escravo mais próximo do seu senhor, o que lhe permitia opinar em sua transação? Para ser um ‘negócio consciencioso’, portanto, consciente pode ter incidido fatores pautados na relação senhor escravo. Contudo, convém lembrar que este anúncio nos permite afirmar que o escravo enquanto sujeito consciente pode interferir seja de um modo ou de outro na sua venda. Seja para

---

<sup>15</sup> O escravo podia ser vendido, alugado a terceiros, penhorado, doado, trocado, dado como presente. Diferentes eram as modalidades de transação que envolvia o escravo como mercadoria.



manter-se próximo de sua família, por questões relacionadas ao trabalho, por medo e insegurança de um cativo desconhecido.

ANNUNCIOS. NA casa n. 12 da rua do Comercio desta capital vende-se um mulato de 26 annos de idade, mestre pedreiro, e trabalha com perfeição, entende também do serviço de um bom pagem, quem o pretender, procure tratar com o dono da casa acima. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 05 de Junho de 1858, Ano V, Nº 19, p. 4).

O anúncio acima além de declarar as ocupações do escravo- mestre pedreiro e bom pagem- declara a idade, a cor, o local de sua venda, sendo neste caso Curitiba. Vale à pena lembrar, a importância em destacar a 'cor' do escravo nos anúncios. Essas denominações não passam de representações identitárias, muitas vezes ligadas também ao estatuto jurídico do indivíduo. Identificações essas que segundo Rezende (2008), além de lembrar a origem, se faziam de acordo com a cultura do local onde se viam inseridos.

Neste anúncio ainda preocupa-se não apenas em dizer que o escravo conhece o ofício de pedreiro, mas que se trata de um mestre, portanto, que têm um conhecimento mais apurado sobre a arte de construir, reformar, e que por essa condição ainda podia liderar o trabalho, organizando e dividindo as tarefas entre os demais, ensinando o ofício.

VENDEM-SE tres escravos, vindos de Iguape, sendo um preto de 15 annos de idade, com principio do officio de de pedreiro, um outro de 26 annos, e uma preta de 25 annos, sabendo lavar, engommar e cosinhar; trata-se com seu dono, em casa do sr. tenente-coronel Manoel José da Cunha Bittencourt, rua das Flores. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 02 de Julho de 1859, Ano VI, Nº 130, p. 4).

O anúncio acima nos permite analisar quem é o proprietário de escravos, neste caso, o tenente coronel Manoel José da Cunha Bittencourt e sua condição social e econômica para ter a posse de ter três escravos, além de destacar a idade dos escravos e suas profissões. Merece destaque também ao caso do preto de 15 anos, com 'principio de officio de pedreiro', pois como outro ofício, trata-se de um aprendizado que não se adquire em um mês ou um ano, mas que exige disciplina, ensino, tempo para adquirir técnicas e conhecimentos relacionados ao trabalho de pedreiro.

“ANNUNCIOS. 250\$000. Vende se uma escrava de idade de 45 annos; quem a pretender dirija-se a E. S. Miranda que está encarregado de a vender”. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 06 de Março de 1867, Ano XIII, Nº 767, p. 4).

O anúncio acima tem como característica principal o valor atribuído à escrava de 250\$000. Porém, o preço de um escravo variava conforme a idade, o sexo, as condições físicas, as aptidões para o trabalho, o contexto no qual se via inserido. É importante constar que um escravo, dependendo sua profissão, teria certa vida útil. Exemplo claro disso, pode ser analisado nos escravos que trabalhavam nas minas e que por viverem em péssimas condições, sem instrumentos próprios para o trabalho tinham uma vida curta. Essa escrava, mesmo na idade de 45 anos tem um valor até considerável. Será pelas suas aptidões ao trabalho, que o anúncio não cita? O que determina o seu valor?

ANNUNCIOS. POR BOM PREÇO compram-se escravos de ambos os sexos, não tendo molestias nem defeitos phisicos; devendo os de sexo feminino ter de 7 a 15 annos e os do masculino de 15 a 25. Nesta typographia se dirá com quem se deve tratar. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 14 de Dezembro de 1867, Ano XIV, Nº 847, p. 4).

O anúncio acima nos permite analisar aspectos relacionados à integridade física do escravo ‘não tendo moléstias nem defeitos phisicos’. Características essas comumente utilizadas e indicadas nos anúncios de fuga, onde era preciso ser claro nas definições. Bem como a exigência do comprador em terem as escravas entre 7 e 15 anos e os escravos entre 15 e 25 anos, exigência que talvez possa estar relacionada ao trabalho.

ANTONIO, de nação, idade 40 annos mais ou menos, alto, feio de rosto, barba por baixo do queixo, barriga grande, a unha do dedo grande da mão direita partida pelo meio e inchado, dá-se 50U000 de gratificação a quem o apprehender e entregar nesta cidade ao sr. José Gomes de Medeiros, na Palmeira ao sr. João Baptista Teixeira, na villa de Castro ao sr. Manoel Antonio Machado e Silva, e em Antonina ao sr. José Antonio da Silva. Cidade de Curityba, 5 de Agosto de 1856. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 13 de Agosto de 1856, Ano III, Nº 20, p. 4)

ESCRAVO FUGIDO. No dia 26 de Setembro proximo passado fugiu o escravo de João Silveira de Miranda, de nome Pedro, cabra, de 28 annos de idade, mais ou menos, estatura regular, com barba só no queixo; levou vestido calça e paletó preto e chapéu do Chile. Foi encontrado no Porto de Cima, e consta que se acha no districto de Morretes e Antonina. Quem o capturar e o entregar em Morretes ao commendador José Miró ou nesta cidade á seu senhor, será gratificado generosamente; assim como protesta-

se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoutado. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 05 de Outubro de 1864, Ano XI, Nº 526, p. 4).

Os anúncios acima retratam a fuga de escravos. No primeiro, procura-se o escravo Antonio de nação- nacional-, com a idade de 40 anos. No segundo, procura-se o escravo Pedro, cabra- filho de pais de origens mistas: casal pardo e mulato ou crioulo e africano-, com a idade de 28 anos. Ainda ‘assim como protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoutado’, modo de vigiar por meio da lei e evitar associações entre livres e escravos.

Os proprietários buscam dar características exatas das suas fisionomias, pois caso contrário, corriam o risco de não encontrá-los. É claro que muitos exageram. Mas a riqueza dos anúncios de fuga está nas distinções antropológicas como nos lembra Freyre (1984) dos escravos, suas aptidões ao trabalho, origem, gratificação-valor esse que decorre também do valor do escravo e para quem entregar. Nos dois anúncios os escravos podem ser entregues ou ao seu proprietário, ou a pessoas encarregadas em outras cidades.

Os anúncios de fuga, de acordo com Freyre (1984), têm uma riqueza maior no tocante a Antropologia, pelas características de fisionomia e comportamento do escravo. Pois além dos sinais de altura, cor, traços físicos, alguns ainda trazem descrições de trajés e adornos utilizados pelo cativo, se falam o português, as marcas no corpo que revelam as origens africanas, sinais de doenças, deformações das mãos e dos pés devido ao trabalho, características dos olhos, da fala, do andar, os vícios, notas de temperamento, formas de corpo.

Explica-se o forte elemento de honestidade que caracteriza esses anúncios: quem tinha seu escravo fugido e queria encontrá-lo precisava dar traços e sinais exatos. Os defeitos e vícios com todos os ff e rr. [...] Nada de cores falsas. Fosse o anunciante embelezar a figura do fujão que era capaz de ficar sem ele para toda a vida. (p. 22)

Entre os anúncios pesquisados do Jornal Dezenove de Dezembro nem todos faziam menção a ocupação exercida pelo escravo.

Na tabela 1, conforme anexo da página 63, podemos perceber dentre os 166 anúncios analisados entre os anos de 1854 e 1886<sup>16</sup>, considerando os de transação de compra, venda, aluguel ou troca, uma busca significativa por escravos que se

---

<sup>16</sup> Isso porque até o ano de 1888, os poucos anúncios encontrados que se referem a escravos são de fugas.

destinassem aos serviços domésticos fosse para a capital ou a região litorânea, sendo deles 77 anúncios.

Para o escravo que se ocupasse dos serviços de uma casa era preciso saber lavar, engomar, cozinhar, costurar, fazer renda. Exigia-se ainda bom comportamento e conduta, presteza e responsabilidade no serviço. Aliava-se, portanto, qualidades no saber fazer e integridade moral quando se buscavam ou ofereciam-se escravos para os serviços domésticos.

Os serviços de portas a fora, como nos lembra Silva (2006) também são citados nos anúncios. Três deles destacam a habilidade do escravo para fazer compras. Vinte anúncios citam o ofício de cozinheiro. Um inclusive faz questão de mencionar que o escravo além de ser ligeiro para seu serviço, faz pão regularmente para o consumo de uma casa. Através desses anúncios podemos ainda perceber que como a posse de escravos no Paraná não foi um fator elevado, os escravos que se destinavam aos serviços domésticos, também deveriam cozinhar. Portanto, era difícil encontrar em uma casa um escravo para cada serviço. E por isso, a importância do escravo aprender mais de um ofício, podendo assim dar conta dos serviços de uma casa de família.

Sete anúncios ainda destacam os serviços de uma ama de leite. Deles, somente um exige que ela seja aceiada, ou seja, limpa, com hábitos de higiene. Outro cita o aluguel de 20\$000 para os serviços de uma ama de leite. Outro exige que ela seja carinhosa e que seu leite seja de 3 ou 4 meses. Três anúncios destacam também os serviços de pagem, sendo eles escravos entre 14 e 26 anos de idade.

Destacam-se ainda para os anúncios analisados cinco escravos com ofícios de pedreiro, um para o trabalho em engenhos de erva, dois sapateiros, dois escravos doceiro/padeiro, um alfaiate, tendo estes escravos na sua maioria entre 20 e 28 anos de idade, o que nos leva a perceber o tempo para o aprendizado<sup>17</sup> desses ofícios, a fim de dominar os saberes e técnicas relacionados a cada uma dessas especialidades.

Quanto mais especializado um escravo fosse, maior o seu valor. Segundo Lima (2000), a atividade artesanal era muito rentável. Permitia aos escravos poder

---

<sup>17</sup> Segundo Lima (2000) alguns ofícios exigiam do escravo certa maturação em relação aos conhecimentos e técnicas a serem aprendidos.

circular pelas cidades com mais autonomia, auferir maiores lucros. Contudo, eram atividades que requeriam um treinamento profissional maior do escravo.

Contudo, nem todos os anúncios de compra, venda ou aluguel mencionam a idade, cor, origem e preço dos escravos, bem como sua profissão, exceto os anúncios de fuga, onde era preciso dar claras definições sobre o seu escravo. Citam as regiões onde as transações podiam ser feitas, ou se poderiam ser tratadas diretamente com a tipografia do jornal. Se as escravas tem filhos e se serão vendidos juntos. Alguns ainda apresentam características bastante distintas, como de que o escravo seja vendido para fora da capital, que faz o serviço sofrivelmente, trabalha otimamente e com perfeição, não tem vícios e nem moléstias, é bonita figura, que seja fiel e diligente, de boa conduta, prendada. Alguns ainda fazem questão de mencionar que o escravo presta-se a outros serviços além do mencionado no anúncio, o que mais uma vez confirma a importância do escravo aprender outros ofícios e acumular habilidades- ter, portanto, múltiplas especialidades.

Há ainda escravos que se destinam aos serviços de copeiro, domador de animais, limpeza de quintais, roça, lavoura, tratamento de animais. Aos serviços de iluminação pública.

Nesta tabela podemos ainda perceber, que dentre os escravos anunciados 104 são mulheres. Que o índice de faixa etária mais anunciada está entre 10 e 20 anos e a região mais citada nos anúncios é Curitiba, pois os demais pedem apenas que os interessados tratem direto na tipografia, nos impedindo de saber a região onde vivem esses escravos e quem são seus proprietários.

Somente dois dos anúncios analisados mencionam que o escravo é mestre no ofício de pedreiro. Um tem 26 anos e o outro tem idade média. Isso nos demonstra que a qualificação profissional exigia dos escravos atenção e comprometimento com o que havia de ser aprendido. O saber fazer dos escravos dependia muito também de dedicação e estudo.

Estudar os anúncios de escravos que circularam no Jornal Dezenove de Dezembro nos permitiu mapear quem são os escravos, suas habilidades para o trabalho, pois quanto mais ofícios o escravo pudesse exercer, mais valor e reconhecimento ele iria adquirir naquela sociedade, cor – envolvendo representação identitária e condição social -, quem era o senhor de escravos mesmo que poucos tenham citado o nome do proprietário), que especialidade cada região demandava.

Mas principalmente, não só verificar a importância da especialidade para um escravo, mas a importância do saber fazer naquela sociedade. Afinal, que tipo de escravo eu precisaria, por exemplo, para os engenhos de erva-mate? Qual o seu valor?

Lima (2000), ao estudar os escravos artesãos no Rio de Janeiro, entre os anos de 1789- 1839, afirma que os escravos mais especializados podiam custar mais, mas que a atividade artesanal urbana ficava dependente das flutuações do mercado. “Artesãos pouco qualificados ficavam “prontos” ao atingir idade próxima dos trinta anos, ao passo que os de ocupações mais sofisticadas só o faziam quase com quarenta” (p. 461), pois o aprendizado de um ofício podia demorar anos.

No entanto, quanto mais especializado um escravo fosse, maiores lucros ele poderia auferir ao seu senhor. Por isso, o preço de um escravo, era determinado pela sua especialidade, por aquilo que ele sabia fazer, numa sociedade como nos lembra Lima (2000), onde o valor do escravo era medido pelo apuro técnico e profissional ao trabalho, adquirido entre os escravos, ensinados aos brancos e livres da sociedade e vice-versa.

Contudo, o que o trabalho permitiu ao escravo?

O aprendizado e o exercício de uma arte ou ofício, segundo Santiago (2008), permitiu a alguns escravos vias de mobilidade social, que podiam ser coroadas pelo senhor com a alforria ou coartação. Mas também foi no espaço do trabalho que forjaram-se amizades, criaram-se e recriaram-se sentimentos de identidade e pertencimento de grupo. Por meio do trabalho o escravo constituiu família, adquiriu bens.

Ao sentir e viver o trabalho reforçou suas características intelectuais, tornando o espaço do trabalho, um lugar de conquistas, aprendizado, cultura, poder, tradição, mas também um modo de afirmar a sua identidade e criar laços de sociabilidade.

No próximo capítulo procuraremos discutir a sociabilidade no espaço do trabalho, procurando atentar aos significados e contornos que ela adquiriu na vida cativa.

#### 4- ESCRAVIDÃO, TRABALHO E SOCIABILIDADES NO PARANÁ

Compreender os domínios da escravidão a partir do trabalho e das relações que dele emergem, requer a análise da sociabilidade enquanto elemento constitutivo desse processo. Afinal, o que o trabalho possibilitava ao escravo? Seria apenas a conquista da liberdade? Quantas amizades podiam ali ser forjadas? Que sentimentos de identidade e pertencimento de grupo no espaço do trabalho podiam ser criados e recriados? Qual a importância da sociabilidade entre os escravos?

A sociabilidade nas formas de convivência, pactos entre iguais, modos de coletividade, trocas afetivas e comunicações sociais, prática onde se podem afirmar valores, reforçar certos tipos de relações, construir identidades é essencial para entender o espaço do trabalho e seus significados ao escravo.

As irmandades religiosas constituíam-se espaços de sociabilidade. Segundo Pinheiro (2006), como uma associação fraternal a irmandade reunia grupo étnico e religiosidade. No entanto, os escravos estavam ali para devotar a sua cor e não a religião. Portanto, a solidariedade numa irmandade 'religiosa' de pretos devotos, a fim de afirmar a sua identidade, tinha por devoção à cor e a origem étnica de cada grupo que ali se reunia.

Uma fuga coletiva, por exemplo, planejada entre os escravos também pode realçar sentimentos comuns de resistência ao sistema. As brechas para os batuques, as danças, também realçam sentimentos comuns a cultura africana, de valorização aos seus antepassados, pois era espaço de lazer e solidariedade entre iguais.

Se analisarmos cada aspecto da vida cativa podemos perceber diferentes espaços de sociabilidade, onde era possível ao escravo criar laços de solidariedade, inclusive no trabalho. Essas solidariedades criadas, fossem dentro da própria comunidade, no trabalho, ou no lazer são essenciais também a manutenção do sistema escravista, pois funcionam como brechas ao sistema, onde era preciso garantir ao escravo espaço para afirmar sua cultura, tradição, valores e costumes.

Portanto, neste capítulo buscamos compreender por meio dos anúncios do Jornal Dezenove de Dezembro, as redes de sociabilidade forjadas entre os escravos no espaço do trabalho, como forma de afirmar e reafirmar sua identidade. E de como a sociabilidade permitiu também ao escravo dotar de sentido e significado o trabalho.

#### 4.1- Os anúncios do Dezenove de Dezembro e a sociabilidade entre os escravos

Quando o grande Oliveira Lima – tão meu mestre, desde meus dias de adolescente – referiu-se ao primeiro jornal aparecido no Brasil ainda Reino – dos dias do Príncipe Regente, portanto – como publicação quase sem valor, por ser jornal só de anúncios, ousei divergir da opinião magistral. A pioneira gazeta era só de anúncios – sustentei – mas, através desses anúncios, o historiador social podia reconstituir todo um começo de sociedade pré-brasileiramente nacional. Seus novos móveis. Seus novos veículos. Sua nova porcelana. Seus novos cristais. (Freyre, 1984, p. XI)

O jornal realmente pode constituir-se uma obra sem valor para aquele que não souber analisar e valorizar sua riqueza enquanto veículo de informações, meio de conhecimento e principalmente, enquanto fonte histórica. A primeira vista pode parecer um pouco inusitado querer através dos anúncios do Dezenove de Dezembro analisar a sociabilidade no espaço do trabalho entre os escravos. Isso não apenas pelo tema da sociabilidade ser ainda uma vertente historiográfica relativamente nova na História, mas pela árdua tarefa de ‘reconstituir’ mesmo que superficialmente o sentido e significado da sociabilidade no trabalho para os escravos a partir de anúncios de jornais.

Contudo, esse é o sentido da pesquisa em história e do ofício do historiador: ler o que está nas entrelinhas. Desvendar, descobrir, reafirmar ou contrariar idéias e valores.

Por isso, através dos anúncios do jornal Dezenove de Dezembro buscamos analisar e compreender, o universo trabalho x escravidão x sociabilidade na sociedade paranaense do século XIX. Entender porque a sociabilidade foi essencial ao escravo para definir, afirmar e defender sua identidade. De como o trabalho tornou-se espaço de partilhar saberes e técnicas relacionadas ao trabalho, de conquistas intelectuais, de debater formas de convivência, ideais de liberdade, críticas ao sistema escravista, formas de resistência, forjar alianças, de manifestar suas tradições e cultura. Perceber a partir da sociabilidade no espaço do trabalho, o fazer e o agir do escravo, a expressão da sua subjetividade como formas também de preservar a sua identidade.

Dos anúncios coletados e analisados do jornal Dezenove de Dezembro, desde o seu aparecimento em 1854 até 1890 quando o mesmo deixa de circular, os que mais aparecem com frequência e fornecem informações a respeito dos escravos, como profissão, saberes, modos de ser e agir são os anúncios de fuga.



Pode-se também encontrar descrições de trajés e adornos utilizados pelos escravos, se sabe ler e escrever, características físicas como beleza ou defeitos. No tocante a sociabilidade, os anúncios de fuga são importantes também, por evidenciarem sentimentos de resistência ao sistema escravista, além de outras particularidades que passaremos a discutir e analisar através das fontes.

ESCRAVO FUGIDO. Firmino, mulato côm de índio, idade 24 annos, pouca barba, boa dentadura, bonita figura altura e corpo regular, mãos delicadas, cabelo de negro, falla humilde, bom domador e bom contador de animaes, muito inclinado a jogo, fandango, etc. Levou no corpo calça e camisa de riscadinho trançado americana, paletot pardo, chapeo pardo pequeno e poncho de panno azul forrado de baeta vermelha. Levou uma troucha com calça e camisa de algodão azul trançado e paletot de xadrez escuro. O dito escravo fugiu da cidade de Tatuhy no dia 28 de Março pp. aonde estava para ser vendido. Quem a aprehender e entregar nesta cidade a seu Sr. Hygino José Ribeiro e na sua ausencia a João José de Almeida Bello, será bem gratificado. Ponta Grossa 12 de Abril de 1871. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 15 de Abril de 1871, Ano XVIII, Nº 1192, p. 04)

O anúncio acima procura destacar além das características ‘físicas’ do escravo, como a cor ‘mulato cor de índio’ - um conceito em constante transformação, que pode ser construído ou inventado, pois um escravo poderia ascender e receber outra denominação de cor<sup>18</sup> - sua afeição ao jogo e ao fandango<sup>19</sup>. O jogo não apenas como uma atividade de lazer era espaço de sociabilidade, momento de descontração, quando os escravos podiam se reunir em uma roda, discutir fatos do cotidiano, trocar idéias, conversar a respeito do seu trabalho, encontrar os amigos.

O fandango<sup>20</sup> também era momento de descontração, uma ‘festa’ que propiciava o ajuntamento entre pares e iguais, e constituía-se como elemento definidor de identidade. Podia-se arranjar um parceiro, escolher a moça para casar, fazer amizades. Mas isso não quer dizer que nos fandangos também não se acertassem rixas antigas ou novas, nascidas mesmo durante a festa, às vezes acirradas pelo consumo elevado de bebidas, por injúrias, comportamentos mal

<sup>18</sup> A identificação quanto à cor dos escravos é fundamental para compreendermos como a sociedade os definia etnicamente e que critérios utilizava para afirmar que um escravo seria da cor “mulato cor de índio”. Segundo Mattos (2005), anúncios de fuga e venda procuram apresentar sinais de nação, como forma de identificar a origem étnica dos escravos.

<sup>19</sup> A prática de danças como o fandango, jogos, capoeira eram tidos como perturbadores da paz e segurança local. Por isso, patrulhas, toques de recolher, entre outras formas de vigiar e punir visavam garantir o controle nos ajuntamentos escravos e suas manifestações culturais.

<sup>20</sup> Segundo Leandro (2007), o fandango como uma das danças típicas do Paraná reunia homens livres e de cor. Era espaço de sociabilidade. Um divertimento que também foi alvo das autoridades locais, que buscavam garantir o ideal da moral burguesa, na égide do bom trabalhador, morigerado.

encarados. As tensões e os conflitos ocorridos nos fandangos revelam um ajuste de contas, motivados por problemas de trabalho, disputas por mulher, pendências de relacionamentos familiares, amorosos, entre amigos. Era momento propício para se redefinir relações, fossem elas pautadas na violência ou não.

Franco (1983) ao estudar o código do sertão, afirma que essas tensões podem irromper de relações de momento, sendo a violência nem sempre definida como forma de vingança, pois ela se estabelece devido às circunstâncias. Portanto, tomada como algo legítimo, ela constituía-se como regulamentadora das relações sociais num mundo “[...] onde inexistem canais institucionalizados para o estabelecimento de compensações formais” (p. 49).

Com relação ao trabalho exercido pelo escravo de ‘domador e contador de animaes’ são ofícios provavelmente relacionados à atividade tropeira e essenciais na lida do gado e mula. O tropeirismo<sup>21</sup> como importante meio de transporte do século XIX também proporcionava redes de sociabilidade entre os escravos, ao promover a circulação de mercadorias, riquezas, pessoas, atividades artísticas, culturais e de lazer. Por aproximar os escravos dos seus camaradas, pelas trocas afetivas, laços de amizade e solidariedade que poderiam construir e efetivar no espaço do trabalho tropeiro. As feiras, por exemplo, poderiam ser ponto de encontro depois de uma longa viagem. Momento para colocar as conversas em dia, rever os amigos e conhecidos, trocar idéias, fosse entre homens livres ou escravos.

Desapareceu da cidade de Morretes um escravo de nome Agostinho, côr preta retintada, olhos vivos e meio avermelhados, pouca barba, baixo, andar ligeiro e muito fallante. Este escravo veio daquela para esta cidade a procura de quem o comprasse, por ordem de seu senhor Honorato Alves Pinto, com carta firmada por Manoel José de Massaneiro. Quem delle der noticia ou entregar a João Jacob Stolle, nesta capital, será gratificado. Protesta-se contra quem o tiver acoutado. Curityba, 12 de Julho de 1880. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 14 de Julho de 1880, Ano XXVII, Nº 2062, p. 04).

O anúncio acima é bastante interessante pelo termo que o proprietário utiliza para definir a cor do seu escravo: ‘côr preta retintada’- escuro e carregado. Ainda faz questão de mencionar que o escravo tem o andar ligeiro e é muito falante, comunicativo, o que de certo modo poderia ajudar na busca por um comprador. São poucos os anúncios que indicam, por exemplo, ser o escravo muito ladino-familiarizado com o meio ambiente local, ou que ele sabe ler e escrever, que é muito

---

<sup>21</sup> Sobre Tropeirismo ver Straforini, Rafael. **No caminho das tropas**. São Paulo: TCM, 2001.

conhecido na cidade. Essas informações também indicam redes de sociabilidade. Um escravo poderia ser muito conhecido na cidade pelo seu trabalho, pelo seu comportamento, se fosse sempre um fugitivo, pelos seus conhecimentos e habilidades. Contudo, o que torna esse anúncio mais interessante ainda é o fato de seu proprietário ter tamanha confiança a ponto de permitir que seu escravo fosse sozinho até a capital a procura de quem o comprasse, não esperando, que seu sentimento de revolta pela venda, ou de poder gozar de certa 'liberdade' resultasse em uma fuga.

Escravos fugidos. Fugiram da cidade de Ponta Grossa os escravos-Clemente, pardo, de 18 a 19 annos de idade, alto, bocca grande, pernas tortas, pés grandes e mal feitos e muito fallador; e Sebastião, bem preto, bonito e de 16 annos de idade, mais ou menos. Consta que Clemente esteve ou está na capital. Dá-se 100U a quem aprehender a qualquer destes dous escravos ou 200U a quem capturar a ambos e entregal os a seu senhor Antonio José Pereira Branco naquella cidade, a Manoel José Correa de Lacerda, na villa do Principe ou a Bernardo José Ribeiro Vianna, nesta capital. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 30 de Julho de 1870, Ano XVII, Nº 1118, p. 04).

O anúncio acima evidencia uma fuga coletiva de escravos. A fuga também expressa redes de sociabilidade, uma vez que os escravos podem partilhar de um mesmo sentimento de revolta em relação ao sistema escravista para fugir, ou do sonho de conquistarem a liberdade. Eles podem tê-la planejado antecipadamente, combinando o momento certo para realizá-la, como fugir, para onde ir. A fuga mais que um ato de rebeldia, foi forte instrumento de resistência, negociação e sociabilidade, ao permitir aos escravos criar alianças que os uniam, estreitando e reforçando seus laços de amizade e solidariedade.

Nos anúncios de fuga, venda, compra, descrever a procedência<sup>22</sup> do africano, não era importante somente para identificar sua origem, mas também suas habilidades para o trabalho, se é inclinado a revolta, características de comportamento.

ESCRAVO FUGIDO. No dia 5 do corrente, ao amanhecer, fugiu da freguezia da Palmeira o preto João, escravo do padre José Antonio do Camargo e Araujo, cujos signaes caracteristicos são os seguintes: crioulo de cerca de 30 annos de idade, estatura ordinaria, magro, cabeça pequena, testa grande com entradas bem pronunciadas, tem falta de um dente na

<sup>22</sup> Segundo Mattos (2005) relativizar a procedência do cativo servia como estratégia de dominação e controle dos escravos.

frente, barba rara, mas em toda a cara, pernas finas, calcanhares gretados, os dedos grandes dos pés meio cabeçudos, falla um tanto por entre os dentes e diz ser natural de Sergipe. Este escravo esteve detido ha pouco tempo na cadêa desta capital, inculcando-se livre e com o supposto nome de Sotero; cuja detenção tendo sido relaxada pelo Sr. Dr. Chefe de policia com a obrigação de apresentar-se-lhe de 15 em 15 dias, elle olvidando-a retirou-se, e foi homisiar-se em Paranaguá em um conluio de africanos livres, de onde vindo furtivamente, fora preso por seu senhor e de novo recolhido á cadêa, de onde foi conduzido para a Palmeira. Quem o aprehender e entregar naquella freguezia ao dito seu senhor, receberá a gratificação de 100U000, e quem o recolher a qualquer das cadêas da provincia terá a de 50U000. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 14 de Julho de 1866, Ano XIII, Nº 702, p. 04)

No anúncio acima, além das características ‘físicas’- que revelam detalhes de postura e comportamento do escravo, a origem, a idade, o nome do dono, procura-se salientar que o escravo já esteve detido, e que pela condição de ‘cumprir sua pena em liberdade’ devendo, contudo, apresentar-se quinzenalmente na cadeia, achava-se no direito de declarar-se livre e de ser chamado por outro nome. A condição de estar distante do seu senhor gerava certa sensação de ‘liberdade’ nos escravos.

O que torna este anúncio interessante também é o fato do escravo ter se escondido num conluio de africanos livres. O anúncio nos diz que o preto João é natural de Sergipe. Mas quando se refere aos africanos livres, não há uma definição específica para o termo ‘africano’; então poderiam ser eles de qualquer nação africana. Entretanto, que relação haveria entre o preto João e esses africanos, para lhe oferecerem esconderijo? Seriam eles conhecidos? Teriam vivenciado juntos a experiência do cativo? Considerar-se-iam ‘irmãos’?

Mesmo não tendo a mesma origem étnica, ou laços de sangue, a solidariedade pode ter os unido, aproximado. Segundo Engemann (2007), “[...] a construção da identidade de escravo estaria totalmente vinculada à possibilidade destes se relacionarem entre si na condição de cativos” (p. 23), estendendo a amizade para além da experiência da escravidão e reforçando assim o espírito fraternal, de apoio e ajuda mútua entre ‘irmãos’.

ESCRAVO FUGIDO. Fugiu da Villa do Principe, ha poucos dias, um escravo de nome Miguel, pardo, baixo, reforçado, de 20 annos de idade mais ou menos, sem barba, muito conversador e alegre, bom domador, levou chapéo de chile fino, poncho velho forrado de baeta azul e roupa de brim; quem o aprehender será gratificado, entregando-o nesta capital ao capitão João Francisco Guimarães, no Principe, ao seu senhor Bento Alves ou ao Dr. Francisco Alves Guimarães. O referido escravo foi visto hontem na

freguezia do Iguassú e supõe-se que se dirigiu para esta capital. Curityba, 26 de Janeiro de 1872. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 27 de Janeiro de 1872, Ano XIX, Nº 1271, p. 04)

O anúncio acima descreve características físicas e de comportamento do escravo; sua cor 'pardo'<sup>23</sup>; profissão de domador; o trânsito do escravo, por diferentes lugares desde que fugiu da Villa do Principe e suas vestimentas, como a de 'chapéo de chile fino', o que de certo modo pode refletir a posição e riqueza do seu senhor ou indicar uma posição mais privilegiada do escravo, como suas posses<sup>24</sup>. Suas vestimentas poderiam também expressar suas origens- funcionariam como uma espécie de linguagem a fim de simbolizar seus costumes, cultura e tradições.

Sendo domador ele podia conhecer outras regiões, além da Villa do Principe, pois o tropeirismo permitia o trânsito de pessoas, culturas, saberes, valores, tradições e costumes, o que por sua vez, proporcionava a construção de diferentes redes de sociabilidades. Nesse trânsito, podia rever seus conhecidos, amigos, família. Fazer novas amizades. Aprender novas coisas, por exemplo, relacionadas ao trabalho, ou mesmo ensiná-las.

Com relação ao termo 'bom' utilizado pelo proprietário para descrever suas habilidades para o trabalho, podemos perceber que essa característica procura expressar não somente qualidade e dedicação do escravo no exercício do seu ofício, mas dimensiona à medida que o "bom escravo", quer pelo seu trabalho, comportamento, aptidões. O escravo sendo bom e tendo um comportamento exemplar, impõe certo limite a escravidão ao dimensionar as estratégias e suas possibilidades em relação à liberdade.

Existe o temor da lavoura paulista, então os adjetivos bom, confiável entre outros dizem respeito também a estratégia e a ação dos escravos para dela escapar e continuar mantendo seus laços sociais. Ser 'bom' poderia lhe resultar ainda no direito de interferir na sua venda, de manifestar suas preferências e opiniões, de negociar relações de trabalho.

Segundo Chalhoub (1990), os escravos preferem ir à prisão a serem enviados as fazendas de café paulistas, e faziam o que fosse preciso para garantir

---

<sup>23</sup> Segundo Libby (2010), o termo pardo sempre se refere a um grau de miscigenação e cativoiro.

<sup>24</sup> Alguns escravos chegaram mesmo a possuir outros escravos quando conquistaram sua liberdade.

sua permanência na cidade. Ao estudar o caso dos escravos Bonifácio e Bráulio, o autor conclui que eles “[...] pensavam e agiam segundo premissas próprias, elaboradas na experiência de muitos anos de cativo, nos embates e negociações cotidianas com os senhores e seus agentes” (p. 59). Pois precisavam fazer valer seus direitos e respeitadas suas relações afetivas e familiares.

Azevedo (2004) em *Onda Negra, medo branco* também lembra que para manterem-se nas cidades, os escravos não hesitavam em praticar crimes. Se preciso fosse, mataria seu proprietário, tentaria contra a vida da sua família. A prisão, para o escravo com toda certeza, seria um mal menor do que ter que se habituar a um novo tipo e ritmo de trabalho, de controle, vigilância e punição.

Outra característica importante com relação aos anúncios de fuga é a demora de alguns dias do proprietário para anunciar a fuga do seu escravo, pois era comum alguns escravos fugirem e logo voltarem, pregarem um ‘susto’ em seu dono. Ou então o proprietário anunciar repetidamente a fuga, aumentando inclusive o valor da gratificação para quem o entregasse.

DESAPARECEU da villa do Apiahy no dia 25 de agosto do anno de 1856, um escravo pertencente á Francisco de Oliveira Rosas, com os signaes seguintes: - de nome Bernardo, crioulo, de 40 annos mais ou menos, estatura excedente do regular, cheio de corpo, bem barbado e já branqueando, côr preta tocando a fula, pés grandes com os dedos pollegares tortos para o lado de dentro, tem no pé do dedo mais torto uma cicatriz proveniente de um golpe de machado, é calvo e coroadado, entende de falquejar madeira, é bom capellão de reza, anda sempre vestido de camisa e ceroula, fuma muito em cachimbo e usa de cinta de couro e patrona: quem o capturar e entregar á polícia, receberá de seu senhor a gratificação de 100U000.(Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 28 de Agosto de 1858, Ano V, Nº 43, p. 04)

No anúncio acima o proprietário procura dar ênfase as características do seu escravo, inclusive quando o descreve de ‘côr preta tocando a fula’, o que nos parece indicar que já não era tão preto e poderia usar disso para transitar com maior liberdade. Seus costumes, como o de fumar cachimbo e saberes: falquejar madeira (desbastá-la - atividade ligada ao ofício de carpinteiro) e bom capelão de reza.

Contudo, para ser um capelão de reza, o que um escravo precisava saber fazer? Quais deveriam ser os seus domínios? Que tipo de rezas Bernardo costumava fazer? Seria uma mistura das culturas africana e católica?

A capela também se constitui espaço de sociabilidade, de trocas culturais, devoção e identidade. Bernardo enquanto capelão deveria conhecer muita gente,

estar em constante contato com outras pessoas levando a fé por meio da sua reza e oração, fosse em momentos de alegria, tristeza e doença, dando assim sentido a solidariedade. Esses instrumentos eram também essenciais para reforçar sua cultura e tradição por meio da religião e afirmar sua identidade, mas principalmente construir possíveis laços de solidariedade que lhe dariam um poder de trânsito maior, quiçá até, ser acoitado por alguma das pessoas que confortou em algum momento difícil.

Contudo, a capela não se constitui apenas espaço de devoção, mas ponto de encontro entre pares e iguais, que podiam estar ali para discutir sua convivência, seus ideais, questões inerentes a sua cultura. Bernardo supostamente podia ser um capelão para os demais escravos do seu proprietário, ou dos arredores. E a capela podia ser um espaço de identificação coletiva para os escravos, um modo de preservarem a sua identidade.

Fugiu na noite de 21 para 22 do mez de novembro do freguezia do Capivary, um cabra de nome Vicente, de idade de 25 a 30 annos, altura regular, pouca barba, falta de dentes, tem uma cicatriz na testa; foi de calsa e camisa de algodão americano grosso, levou um colete ou surtum de pano azul grosso, chapeo preto, ponche forrado de baeta azul, foi montado em uma besta pello de rato quase vermelha com uma estrella que pouco apparece, e uma pizadura no fio do lombo. O cabra consta saber ler e escrever, costura alguma coisa, entende de carpinteiro, sabe arriar, ferrar, assim como também sabe trançar. Tem os cabellos agarrados e alguns brancos. A mula tem uma grande marca no quarto esquerdo e um signal de um golpe do mesmo lado entre o peito. O cabra é fallante, magro, anda quasi sempre apressado. Quem o prender e levar á casa de seu senhor Antonio Baptista de Oliveira, receberá 300\$, e quem o deixar seguro na cadeia 150\$000. Consta que foi calçado e de paletot. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 16 de Fevereiro de 1859, Ano V, Nº 91, p. 06)

No anúncio acima podemos perceber além das características físicas do escravo, como a cicatriz na testa que pode indicar sua origem, pois os povos africanos costumavam fazer escarificações pelo corpo, o que, contudo nesse anúncio torna-se um tanto difícil de definir pela dificuldade de se interpretar o termo 'cabra'; as características da besta, com a qual o mesmo fugiu, e de propriedade do seu senhor. Aparecem também informações dos ofícios exercidos pelo cabra Vicente: costura, trabalha como carpinteiro, sabe arriar, ferrar e trançar- exercícios que exigem aprendizado e tempo de prática. O ofício de carpinteiro, por exemplo, exigia certos domínios no trabalho com a madeira – cortar, serrar, decorar. Eles podiam também ser empregados no serviço de construção. Quando fala que o

escravo 'costura alguma coisa', não é que ele seja exímio na costura, mas que conhece o principal desse saber. Já as atividades de arriar, ferrar e trançar provavelmente estejam ligadas ao trato de animais.

Que ele sabe ler e escrever – nem todos os escravos eram alfabetizados; outros sabiam ler e escrever, conheciam e dominavam além da sua língua, a língua portuguesa e alguma outra língua africana, o que era fundamental ao proprietário para facilitar a comunicação com os escravos e ao escravo por lhe conferir um status diferenciado e lhe permitir transitar por redes sociais mais amplas. Outra característica bastante peculiar no anúncio, mas principalmente peculiar ao escravo, é o fato de ele ter fugido calçado. Os escravos sempre andavam descalços, mas assim que conquistavam sua liberdade tratavam logo de comprar sapatos, uma forma de distinção social, pois já não eram mais escravos.

Segundo Chalhoub (1990), o uso do sapato nem sempre indica se uma pessoa era livre ou liberta. Só de olhar para os seus pés era impossível descobrir se eram cativos ou não, principalmente no meio urbano, onde o modo de vida dos escravos era diferente. Poderiam morar sobre si, devendo apresentar-se ao seu senhor apenas para pagar o seu jornal, ou seja, quase se isentando da sujeição dominical, quase 'livres'.

O fato de andarem calçados, não indica uma atitude de humanidade dos senhores para com seus escravos. O autor, com base nos processos criminais das últimas décadas da escravidão na corte imperial, onde se preocupou em analisar e compreender o significado da liberdade para escravos e libertos, conclui que o uso do sapato pelos escravos indica mais do que "quem se alforria trata logo de comprar sapatos" (p. 213), como quer Manuela Carneiro da Cunha. Indica certa pressão dos escravos "para que suas vidas se tornassem indiferenciáveis em relação às vidas dos homens livres pobres da cidade" (p. 216).

No anúncio abaixo vemos a procura por um escravo que tenha o ofício de sapateiro, além de exigir-se que o mesmo não tenha vícios, portanto, de boa índole e comportamento e que seja moço. O exercício de sapateiro é uma atividade que exige anos de aprendizado e experiência: era preciso saber mais do que cortar, fazer ou consertar um sapato - trata-se de técnicas e conhecimentos que não se adquirem da noite pro dia. Ele poderia trabalhar de ajudante ou mestre numa sapataria, com o seu dono, que poderia ser um conhecedor do ofício ou que poderia usá-lo nos serviços domésticos e empregá-lo num serviço externo.



O ofício de sapateiro comporta uma rede de sociabilidade bastante ampla: o escravo poderia trabalhar com outros escravos ou homens livres daquela sociedade, aprender novas tendências do ofício ou ensinar suas habilidades, fazer amizades, construir redes de solidariedade, discutir fatos do dia a dia, suas experiências. Forjar uma consciência de classe, a fim de lutar pelos seus ideais e direitos.

Quem tiver e quiser vender um escravo sapateiro, que seja moço e não tenha vícios, dirija-se ao largo da Matriz n. 35. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 06 de Fevereiro de 1858, Ano IV, Nº 82, p. 04).

No anúncio abaixo vende-se um escravo mestre pedreiro, portanto, com um conhecimento mais refinado na arte de construir, um aprofundamento maior no nível de treinamento profissional. Trabalhando como pedreiro, e assim como nas outras profissões, eles poderiam aprender novos ofícios, se especializar em outras profissões. Aprender e ensinar saberes, compartilhar idéias, constituir no espaço do trabalho um espaço de lazer. Pois alguns só se veriam durante o trabalho, como no caso de quem se empregasse fazendo serviços para fora para seu senhor. Portanto, o espaço do trabalho constituía-se também ponto de encontro entre amigos.

VENDE-SE um escravo mestre pedreiro, de idade media; a pessoa que o pretender dirija-se á casa de Francisco A. Nobrega para informar. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 16 de Abril de 1859, Ano VI, Nº 108, p. 04)

Alguns escravos eram empregados em obras públicas, como na construção da estrada da Graciosa<sup>25</sup>. Abaixo segue descrição de 147 operários utilizados para essa obra, dentre os 307 que perfizeram o total:

- 6 feitores;
- 2 ferreiros;
- 8 carpinteiros e serradores;
- 17 broqueiros;
- 6 pedreiros;
- 108 operários livres, à exceção de 9.

Embora o jornal não tenha especificado acima, em quais ofícios foi empregada mão de obra escrava, podemos analisar a importância das

---

<sup>25</sup> Fonte: Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 17 de Junho de 1865, Ano XII, Nº 597, p. 03.

especialidades escravas, do seu saber-fazer para os mais diferentes tipos de trabalho na sociedade paranaense.

Além do Jornal Dezenove de Dezembro, circularam pela província paranaense, outros Jornais como o Correio Oficial, o Jornal Paranaense e a Gazeta Paranaense. Abaixo seguem alguns anúncios que nos permitem analisar também a importância do saber fazer escravo para o Paraná.

50\$000. FUGIO no dia 11 do corrente a escrava de nome Caetana, levando vestido azul de ramos amarelos e um chalé de seda e algodão já usado, e uns brincos de ouro nas orelhas; sendo ella de côr fula, cabello cortado com gaforina grande, com falta de um dente na frente, vesga do olho direito, com os dedos grandes dos pés e abertos. Quem a apreender e trazer ao abaixo assignado, receberá a gratificação acima mencionada, e protesta o mesmo com rigor da lei á quem acoutal-a. Antonio Jacintho Roque de Oliveira. (Jornal Correio Oficial, Curitiba, 14 de Fevereiro de 1862, Ano I, Nº 92, p. 04).

O anúncio acima procura destacar o valor da gratificação a quem apreender a escrava Caetana, bem como suas características físicas e cor. Contudo, o que mais nos chama atenção nesse anúncio são os brincos de ouro utilizados pela escrava, que o proprietário faz questão de ressaltar, o que indica a posse de bens, podendo ela ou não, tê-los adquirido por meio do seu trabalho, através da formação de pecúlio. Mas também uma forma de distinção social e de investimento, uma vez que Caetana poderia se utilizar dos brincos para comprar sua carta de alforria futuramente ou trocá-los por outro objeto ou bem.

O ofício de quitandeira destacado no anúncio abaixo é bastante interessante por permitir a escrava transitar e circular por diferentes lugares, oferecendo seus quitutes, doces, frutas ou verduras pelas ruas da cidade. Saindo da casa do seu dono para as ruas, elas ressignificavam a paisagem da quitanda, pois além de distanciarem-se da vigilância senhorial mesmo que vigiadas pela polícia, podiam construir amizades, organizar fugas. Como um ofício de portas a fora, como lembra Silva (2005), elas tinham não apenas uma mobilidade espacial maior, mas conheciam cada canto da cidade, levavam e traziam notícias. A rua era como que um espaço de lazer, onde podiam conhecer pessoas e lugares.

No século XIX, a venda era associada a tudo que havia de mais ignóbil: lugar de desordem, vícios, imoralidade. Entretanto, segundo o autor, “muitos homens e

mulheres aliviavam-se da tensão da escravidão na sociabilidade da venda; ali, além da bebida que anestesiava uma vida de dissabores, havia a possibilidade de reafirmar laços de solidariedade e identidade, e desse modo encontrar apoio em caso de necessidade” (p. 10).

Precisa-se alugar uma rapariga captiva ou liberta que tenha alguma pratica de vender quitanda, quem a tiver dirija-se a esta typographia. (Jornal O Paranaense, 22 de Fevereiro de 1880, Ano III, Nº 105, p. 4).

O anúncio abaixo revela a pluralidade de saberes do escravo: próprio para todo serviço, oficial de sapateiro, cozinha, refina açúcar, monta a cavalo e nada muito bem, detalhes importantíssimos para se realizar um bom negócio, uma vez que o valor do escravo reside no seu saber fazer. O que nos inquieta, é porque o seu proprietário deseja trocá-lo por um escravo ou escrava na faixa de 10 a 14 anos de idade? É claro que incidem razões diversas, sejam elas relacionadas a trabalho, comportamento, condições físicas do escravo que porventura talvez não atendam mais as necessidades do seu proprietário. Contudo, é quase impossível declarar com precisão o motivo pelo qual ele deseje desfazer-se do seu escravo.

Entretanto, é inegável a importância dos seus saberes. A atividade de refinar açúcar, por exemplo, não apareceu em nenhum dos outros anúncios coletados e analisados durante a pesquisa. É uma atividade que exige conhecimento e domínio de técnicas relacionadas à fabricação do açúcar, assim como os demais ofícios exercidos por ele. Contudo, apenas dominar técnicas não era suficiente. O escravo precisava conhecer muito do seu trabalho, e produzir nele sentido para sua vida, pois só assim o trabalho tornar-se-ia espaço de conquistas e realizações.

Vende-se um crioulo moço e robusto, próprio para todo serviço, é official de sapateiro, cosinha e refina assucar, monta bem a cavallo e nada muito bem. Quem o quizer comprar dirija-se á loja do Sr. Aboim, que lhe indicará quem o vende. Tambem se troca por um escravo ou escrava de 10 a 14 annos de idade. A razão da venda se dirá ao comprador. (Jornal Correio Oficial, 03 de Outubro de 1862, Ano I, Nº 117, p. 4).

Os anúncios de jornais aqui analisados nos permitem verificar como o jornal enquanto veículo de informações veicula uma imagem do negro, a partir do discurso social da época, que atribui características ao seu comportamento e fisionomia, marcas de origem e de cativo, aptidões para determinado tipo de trabalho. Mas

demonstram também a importância do escravo, da sua força e do seu trabalho para a sociedade paranaense e do que o trabalho poderia significar na vida dos escravos.

Segundo Chalhoub (1990), os escravos tentaram mudar sua sorte dentro das possibilidades que a instituição escravista lhes oferecia. E o trabalho, sem dúvida alguma, foi importante instrumento de conquistas e transformações na vida dos escravos. De incansáveis lutas a fim de “[...] desmanchar conteúdos ideológicos cruciais à continuidade da escravidão” (p. 238).

Por meio do trabalho, o escravo criou mecanismos de aproximação entre seus pares. Gerou possibilidades de conquistar sua liberdade, vias de mobilidade social, de trânsito, lazer, diversão, conquistas intelectuais, circulação de saberes e trocas culturais. De poder constituir família, morar sobre si numa tentativa de se aproximar da liberdade, fazer amizades, possuir bens. De construir redes de sociabilidade.

A sociabilidade, por sua vez, não só revalorizou e ressignificou o espaço do trabalho, como remodelou as formas de viver, pensar e sentir o trabalho. Permitiu-lhes preservar suas tradições e costumes. Construir solidariedades. Reforçar laços de amizade. Estreitar relações. Quebrar regras no espaço do trabalho, tecer redes de negociação e conflito. Lutar por melhores condições de vida. Defender seus interesses coletivos e individuais.

Mesmo vivendo a realidade dura e cruel do cativeiro e do trabalho escravo, o escravo não deixou de reviver sua cultura e história e alimentar sua identidade. Mesmo que destruídos os laços familiares e parentais, na travessia do Atlântico, nem o transporte para o Novo Mundo ou o tráfico interprovincial, nem a escravidão, destruiu por completo

[...] a consciência de uma identificação com base na etnia e nos grupos de parentesco e de família, ou em parentesco fictício, criado entre os companheiros de embarcação (malungos) nos navios negreiros. Eram esta consciência e esta memória coletiva que possibilitavam que as pessoas de descendência africana reconstruíssem sua identidade através da família e da etnicidade no Brasil, promovendo um amortecedor contra os cruéis aspectos da instituição escravista. (Wood apud Mattos, 2005, p. 152)

E não só através da família ou da etnicidade. O trabalho também conferiu ao escravo o sentimento de pertencer a um mesmo grupo, de partilhar uma mesma história e um passado em comum. Por meio das sociabilidades, o escravo viu amortecer as dores causadas pelo cativeiro e nas suas lutas diárias um modo de

preservar sua identidade e história, pois ela dotava de sentido e significado as suas vidas, era o alicerce para continuar.

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do nosso trabalho, a partir de reflexões historiográficas e análise de fontes, procuramos definir os conceitos de escravidão, trabalho e sociabilidade e assim compreender a importância do trabalho e da sociabilidade para os escravos.

Entretanto, a tarefa de definir o conceito de escravidão, do mundo antigo a era moderna, bem como discutir as relações escravistas no Brasil, foi um processo diria um tanto árduo e complicado. Por mais que o estudo da escravidão seja o nosso foco desde os primeiros anos da graduação, produzir uma monografia de pós-graduação, como qualquer outro trabalho, exige comprometimento, não só pelo aprofundamento em relação ao tema, como nesse caso, mas pela responsabilidade que se deve ter em produzir uma narrativa histórica. É preciso levar em conta, que o conceito de escravidão, assim como todos os conceitos, variam no tempo e no espaço, assim como as interpretações historiográficas. E que o trabalho com fontes, exigem não só cuidados metodológicos, mas requer atenção no modo de interpretá-las e analisá-las, pois expressam valores e ideologias da época.

Estudar a história da escravidão requer análises tanto sob o enfoque cultural, como econômico e social, pois é preciso estar atento as particularidades e especificidades históricas. Afinal, de que modo um povo justifica a escravização do outro? O que torna um povo passível de cativo? Como compreender o complexo problema da escravidão no Brasil?

Primeiro que compreender a história da escravidão no Brasil nos exige ainda conhecer melhor a história da África e dos povos africanos e a grande influência exercida sobre o nosso povo. De como a cultura e a história africana não são estáticas no tempo e no espaço, e por isso, marcadas pela descontinuidade e principalmente pelas permanências no Novo Mundo.

Segundo, que a história da escravidão, como afirma Paiva (2008) deve ser analisada levando-se em consideração o “intenso processo de mestiçagem biológica e cultural” (p. 15) que ela proporciona, no trânsito onde circularam e se misturaram gente de diversas origens e culturas, transformando realidades e sociedades.

Outro desafio do nosso trabalho foi analisar o conceito de sociabilidade, não só pela falta de materiais que discutissem o conceito em si e suas variações historiográficas. Pois uma coisa é tratar apenas do conceito, outra é aliar teoria e fontes. Porém foi uma tarefa muito prazerosa e estimulante, não só por ser nosso

primeiro laboratório com fontes, mas pela riqueza de informações e o que pudemos aprender e conhecer sobre os escravos a partir de anúncios de jornais, principalmente no que diz respeito à expressão da sua subjetividade e identidade.

Ao aliar trabalho e sociabilidade na análise das fontes, percebemos a importância em distinguir as diferenças entre labor e trabalho. Afinal, seria o trabalho apenas uma forma do escravo lutar pela sua sobrevivência? Ou, uma resposta a dominação imposta pelo cativo? Que outros significados o trabalho adquiriu na vida dos escravos?

Como afirma Chalhoub (1990) é preciso “[...] compreender adequadamente o sentido que as personagens históricas de outra época atribuíam as suas próprias lutas” (p. 20). Pois o trabalho conferiu diferentes contornos à vida cativa, expressos tanto no espaço do trabalho, como na vida comunitária, nos momentos de diversão e lazer, de expressão da sua cultura, na construção de famílias, nos laços de amizade e solidariedade, nas formas de sociabilidade.

A sociabilidade permitiu ao escravo um diálogo constante entre cultura e identidade. Reunindo-se em irmandades, rodas de jogo, na capoeira, em danças e festas como as congadas, em chafarizes e lugares públicos, nas esquinas das ruas vendendo ou oferecendo seus serviços, nos serviços domésticos, pintando, carregando pessoas e objetos nas cadeirinhas, nas fazendas entre os cafezais ou na lida do gado e da mula, em fugas, revoltas ou quilombos, o escravo lutou para expressar, afirmar, defender e preservar a sua identidade e história.

É preciso levar em conta ainda aspectos essenciais que dizem respeito ao trabalho do historiador. Afinal, que sentido há trabalhar com anúncios de jornais, além de analisar o processo histórico em questão?

O abaixo assignado declara que deu faculdade a sua escrava Vicencia, para, por espaço de 7 dias procurar quem a comprasse, por ella o haver pedido, mas se excedesse ao praso, seria contemplada como de fuga; fazem hoje 11 dias sem que noticia alguma da dita escrava se saiba, nem a derrota que levou; quem prendel-a e entregar a seu senhor na villa do Principe, será gratificado alem das despezas que com a captura da escrava fizer: ella é parda, crioula, idade de 40 annos mais ou menos, muito fallante, tem signaes de queimadura no braço e no pescoço. Villa do Principe, 27 de fevereiro de 1859. (Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 02 de Março de 1859, Ano V, nº 95, p. 06).

De nada adiantaria apenas repetir o que o anúncio acima claramente informa, pois não acrescentaria em nada. Já sabemos que ela é uma escrava que se

aproveitando da 'liberdade' concedida pelo seu dono, para que procurasse um comprador, aproveita o momento e foge. Contudo, porque fugir? Que sentido ela atribui a 'breve liberdade consentida' pelo seu proprietário? Qual sua visão de liberdade?

Apropriando-nos do método de Zadig, analisado por Chalhoub (1990) em *Visões da Liberdade* onde o autor conclui que

[...] só analisando diferentes vestígios, e procurando relacioná-los entre si, é que se pode eventualmente chegar a formar uma imagem una e coerente da cachorrinha fujona. Imaginemos que Zadig, abstraindo todo o resto, se empenhasse apenas em analisar "os leves e longos sulcos" que se mostravam "visíveis nas ondulações da areia". Ele seria então capaz de descobrir que tais sinais provinham das tetas pendentes da cadela? É claro que não. Foi preciso observar também as pegadas que existiam na areia, e relacionar as duas coisas; do contrário, "os leves e longos sulcos" permaneceriam indecifráveis". (p. 24)

O mesmo acontece com a história dos escravos e da escravidão. Vicência pode continuar sendo mais uma de tantas escravas que concretizaram na fuga seu ideal de liberdade. Contudo, se não juntarmos os rastros, nunca entenderemos suas concepções em relação ao cativeiro e formas de controle social, suas relações afetivas, o significado do trabalho, formas de resistência, o sentido da liberdade. As lutas para que sua identidade se visse preservada, para que nem o tempo, a distância, ou o cativeiro pudessem apagar.



## 6- REFERÊNCIAS

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe Maria. **Etnia e Identidades; Resistências, Abolição e Cidadania**. Tempo, Vol. 3 - nº6, Dezembro de 1998.

ALENCASTRO, Luis Felipe de. **O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BENZAQUEM, Ricardo. **Diferenças a flor da pele**. Revista de História da Biblioteca Nacional, nº 58, p. 50-55, Jul 2010.

BOSCHI, Caio C. **Espaços de sociabilidade na América Portuguesa e historiografia brasileira contemporânea**. VARIA HISTÓRIA, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36, p.291-313, Jul/Dez 2006.

BURGUIÈRE, André. **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. **Uma cartografia das amas-de-leite na sociedade carioca oitocentista**. Textos de História, vol. 15, nº ½, 2007.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAVIS, David Brion. **O problema da escravidão na cultura ocidental**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DIAS, Renato da Silva. Na África eu nasci, no Brasil eu me criei: a evangelização dos escravos nas minas do ouro. In: PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira. **Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas**. São Paulo: Annablume, 2008.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ELTIS, David. Europeans and the rise and fall of African Slavery in the Americas: An Interpretation. In: **American Historical Review**, v 8, nº 5, p. 1399- 1423, Dec. 1993.

ENGEMANN, Carlos. **Reflexões acerca de alguns elementos constitutivos da sociedade escravista no Brasil**. II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Out. 2005. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/artigos2005.htm>. Acesso em 15 set. 2009.

\_\_\_\_\_ **De laços e de nós**. Rio de Janeiro: Ateliê, 2007.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Kayrós, 1983.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Castelo Branco e Associados Propaganda, 1984.

GOHL, Jefferson William; SUCH, José Corrêa. Alfaiates e seus espaços na sociedade Porto União Vitorriense dos anos 1930-1970. In: MARTINS, Ilton César; GOHL, Jefferson William; GASPARI, Leni Trentim. **Fragmentos de memória, trechos do Iguaçu: olhares e perspectivas de história local**. União da Vitória: FAFIUUV, 2008.

GORENDER, Jacob. **O Escravismo Colonial**. São Paulo: Ática, 1988.

GRAF, Márcia Elisa de Campos. **Imprensa Periódica e Escravidão no Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1981.

GRAHAM L., Sandra. **Caetana diz não: história de mulheres da sociedade escravista brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HARTUNG, Miriam. **Muito além do céu: Escravidão e estratégias de liberdade no Paraná do século XIX**. Topoi, v. 6, n. 10, p. 143-191, jan-jun. 2005. [http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/Topoi%2010/topoi10a5.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi%2010/topoi10a5.pdf) Acesso em 20 de out. 2010.

KARASCH, Mary. **A vida dos escravos no Brasil (1808-1850)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KOPYTOFF, Igor. **Slavery, Annual Review of Anthropology**. Vol. 11, 1982.

LEANDRO, José Augusto. **No fandango**. Revista de História Regional 12(1), p. 41-63, Verão, 2007.

LIBBY, Douglas Cole. A empiria e as cores: representações identitárias nas Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX. In: PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira; MARTINS, Ilton Cesar. **Escravidão, mestiçagens, populações e identidades culturais**. São Paulo: Annablume, 2010.

LIMA, Carlos A. M. **Escravos Artesãos: Preço e Família** (Rio de Janeiro, 1789-1839). Estudos Econômicos, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 447-484, jul/set. 2000.

LUCA, Tânia Regina de. **A Revista do Brasil (1916-1944): notas de pesquisa**. III Evento de Extensão em Pesquisa Histórica. Fontes Históricas: Métodos e Tipologias. Set. 2008. Disponível em: [http://www.poshistoria.ufpr.br/fonteshist/Tania\\_Luca.pdf](http://www.poshistoria.ufpr.br/fonteshist/Tania_Luca.pdf). Acesso em 30 set. 2009.

MARTINS, Ilton César. Escravidão e criminalidade nos Campos Gerais paranaenses: o caso de Castro. In: PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira; MARTINS, Ilton Cesar. **Escravidão, mestiçagens, populações e identidades culturais**. São Paulo: Annablume, 2010.

MATTOS, Regiane Augusto de. **A África no Brasil: grupos étnicos e organização social em São Paulo no século XIX**. Anos 90, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p.151-172, jan./dez. 2005.

MATTOSO, Kátia Queiroz de. **Ser Escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MEILLASSOUX, Claude. **Antropologia da Escravidão: o ventre de ferro e dinheiro**. Jorge Zahar, 1995.

MELLO E SOUZA, Laura de. **Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MENESES, José Newton Coelho. Petição e juramento para trabalhar como se livre fosse. Burocracia, regulação do trabalho artesão e identidades de escravos de ganho nas Minas setecentistas. In: PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira;

MARTINS, Ilton Cesar. **Escravidão, mestiçagens, populações e identidades culturais**. São Paulo: Annablume, 2010.

MILLER, Joseph C. **O Atlântico Escravista**: açúcar, escravos e engenhos. Afro-Ásia, 19/20, p. 9- 36, 1997.

\_\_\_\_\_ A história da escravatura é das mulheres e de crianças, não dos homens. In: FIGUEIREDO, Luciano. **A era da escravidão**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Fragmentos de um enredo: nascimento, primeiras letras e outras vivências de uma criança parda numa vila fronteiriça (Aurélio Viríssimo de Bittencourt/ Jaguarão, século XIX). In: PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira; MARTINS, Ilton Cesar. **Escravidão, mestiçagens, populações e identidades culturais**. São Paulo: Annablume, 2010.

PAIVA, Eduardo França. **Sociabilidade, magia e relações de poder no universo cultural afro-brasileiro**. Anales de Desclasificación. Vol. 1: A derrota da área cultural, nº 2, 2006.

\_\_\_\_\_ **Por uma história cultural da escravidão, da presença africana e das mestiçagens**. Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 6, ano VI, nº 3, julho, agosto, setembro de 2009.

\_\_\_\_\_ Allah e o Novo Mundo: escravos e forros islamizados no universo colonial americano. In: PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira; MARTINS, Ilton Cesar. **Escravidão, mestiçagens, populações e identidades culturais**. São Paulo: Annablume, 2010.

PENA, Eduardo Spiller. **O Jogo da Face**: a astúcia escrava frente aos senhores e à lei na Curitiba Provincial. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **Semeando iras rumo ao progresso**. Curitiba, Editora da UFPR, 1996.

PINHEIRO, Fernanda Aparecida Domingos. **Confrades do Rosário**: sociabilidade e identidade étnica em Mariana- Minas Gerais (1745-1820). Niterói, 2006. In SITE.

REDE, Marcelo. Escravidão e antropologia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. (Coord.). **Escravidão Antiga e Moderna**. Tempo, Rio de Janeiro, v. 3, n . 6, p. 01-07, dez. 1998.

REIS, João José. **A Greve negra de 1857 na Bahia**. Revista Usp, 18:6-29, Julho, Agosto de 1993.

\_\_\_\_\_. **De olho no canto**: trabalho de rua na Bahia na véspera da abolição. Afro-Ásia, 24, p. 199-242, 2000.

REIS, Liana; SOUZA, Tânia Maria F. de. **Técnicas mineratórias e escravidão nas Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX**: uma análise comparativa introdutória. Disponível em:  
[http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario\\_diamantina/2006/D06A018.pdf](http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2006/D06A018.pdf).  
Acesso em 20 de jan. 2011 .

REZENDE, Rodrigo Castro, Origens africanas ou identificações mineiras? Uma discussão sobre a construção das identidades africanas nas Minas Gerais do século XVIII. In: PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira. **Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas**. São Paulo: Annablume, 2008.

SANTANA, Lígia Conceição. **Territórios e Itinerários Negros em Salvador (moradia, trabalho e divertimento, 1855-1887)**. II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Out. 2005. Disponível em:  
<http://www.labhstc.ufsc.br/poa2005/39.pdf>. Acesso em 10/07/2009.

SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. Cativos da arte, artífices da liberdade: a participação de escravos especializados no barroco mineiro. In: PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira. **Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas**. São Paulo: Annablume, 2008.

SILVA, Maciel Henrique. **Servir de portas a dentro**: Pensando Recife e Salvador na segunda metade do século XIX. Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco - CEFETPE. Belo Horizonte, 2006.

\_\_\_\_\_. **Na casa, na rua e no rio: a paisagem do Recife oitocentista pelas vendeiras, domésticas e lavadeiras.** Mneme, Revista de Humanidades, V. 7, nº 15, abril/maio 2005. In: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme15/146.pdf>.

SILVA, Maciel Henrique; SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo: Contexto, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro.** Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos:** engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Mauricio. **Memória d'África:** a temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007.

TERRA, Paulo Cruz. **Música de Trabalho no Mundo Atlântico.** Outros Tempos. (UEMA. On Line), v.03, p. 01, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. **Colonização, miscigenação e questão racial:** notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. Revista Tempo, UFF, agosto de 1999.

ZULIAN, Rosângela Wosiack. **A victoriosa rainha dos campos:** Ponta Grossa na conjuntura republicana. Revista de História Regional 3 (2) :37-76, Inverno, 1998. In: <http://www.laktech.com.br/exemplos/cds/rhr/export/108-707-1-PB.pdf> Acesso em 25 de nov. 2010.

**APÊNDICE I****Tabela: Especialidades escravas no Paraná 1854-1888**

ESPECIALIDADES ESCRAVAS NO PARANÁ 1854-1888							
ANO	MODALIDADE	PREÇO	OFÍCIO/ ESPECIALIDADE	REGIÃO	SEXO	IDADE	COR
1854	venda	s/id	Engenhos de erva	Curitiba	M	22/24	s/id
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	M/F	s/id	preto ou (a)
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	preta
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	20	preta
1855	compra	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	preta
1856	compra	s/id	s/id	Tipografia	F	5 a 6	preta/ mulata
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos, Portas a fora	Curitiba	M	s/id	preto
	aluguel	8U000	Portas a fora	Tipografia	M	moleque	s/id
	compra	s/id	s/id	Tipografia	M/F	até 7 anos	s/id
	compra	s/id	Cozinheiro, portas a fora	Curitiba	F	s/id	s/id
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	F	s/id	s/id
1857	venda	s/id	Serv. Domésticos	Paranaguá	F	s/id	preta
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
1858	venda	s/id	Serv. Domésticos	Paranaguá	F	20	preta
	compra	s/id	Cozinheiro	Curitiba	M	moço	s/id
	aluguel	14 mil réis	Serv. Domésticos	Curitiba	F	s/id	s/id
	compra	s/id	Cozinheiro	Tipografia	M	s/id	s/id
	compra	s/id	Sapateiro	Curitiba	M	s/id	s/id



	venda	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	F	s/id	s/id
	v/a	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	moça	s/id
	venda	s/id	Pedreiro, Pagem	Curitiba	M	26	mulato
	aluguel	20U réis mês	Cozinheiro	Curitiba	M/F	s/id	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	s/id	M	moça	s/id
<b>1859</b>	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	M/F	s/id	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F, F	s/id	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	34	s/id
	venda	s/id	Cozinheiro, Pagem	Tipografia	M	23	s/id
	venda	s/id	Pedreiro	Curitiba	M	idade média	s/id
	venda	s/id	Pedreiro, Serv. Domésticos	Iguape	M, M, F	15, 26, 25	s/id
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	M/F	s/id	s/id
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	s/id	F	s/id	preta
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	F	s/id	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	F	s/id	crioula
<b>1860</b>	compra	s/id	Serv. Domésticos	Antonina	F	moça	parda
	aluguel	s/id	Ama de leite	Tipografia	F	s/id	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	F	pouca idade	s/id
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	F	s/id	preta

	venda	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	F	23/24	crioula, fula
	aluguel	s/id	Ama de leite	Tipografia	F	s/id	s/id
<b>1861</b>	v/t	s/id	Serv. Domésticos, Doceira e Padeira	s/id	F	20	preta, crioula
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	mulata
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F/M	s/id	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	F	s/id	mulata
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos, Ama de leite	Tipografia	F	s/id	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
<b>1863</b>	compra	s/id	s/id	s/id	F	até 14	s/id
	aluguel	s/id	Cozinheiro/a	s/id	F/M	s/id	s/id
<b>1864</b>	aluguel	s/id	Cozinheiro	s/id	M	s/id	s/id
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	aluguel	20\$000	Ama de leite	Curitiba	F	s/id	s/id
<b>1865</b>	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	venda	s/id	s/id	s/id	M	17	crioulo
	venda	s/id	s/id	Tipografia	F	15	crioula
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	s/id	F	s/id	pretas
	compra	s/id	s/id	s/id	F	de 8 a 12	preta
<b>1866</b>	v/t	s/id	Serv. Domésticos	s/id	F	s/id	preta
	aluguel	s/id	Serviço de quintal	s/id	M	s/id	preto

	s/id	s/id	Cozinheira	s/id	F	s/id	s/id
	s/id	s/id	Serviço de casa de família	s/id	M	moleque	s/id
	aluguel	s/id	Lavadeira	s/id	F	s/id	s/id
	s/id	s/id	Ama de leite	Tipografia	F	s/id	s/id
<b>1867</b>	venda	s/id	s/id	s/id	F	pouca idade	mulata
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	venda	250\$000	s/id	s/id	F	45	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	s/id	F	18	mulata
	compra	s/id	s/id	s/id	F	7 a 10	negrinha
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	v/a	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba/ VI do Principe	F	30	mulata
	compra	s/id	s/id	s/id	F/M	7 a 15; 15 a 25	s/id
<b>1868</b>	compra	s/id	s/id	s/id	M/F	12 a 15	s/id
	compra	s/id	s/id	s/id	M	s/id	s/id
	compra	s/id	s/id	s/id	M	12 a 16	s/id
<b>1869</b>	aluguel	s/id	Cozinheiro	s/id	M ou F	s/id	s/id
	compra	s/id	Pedreiro	s/id	M	20 a 25	s/id
	aluguel	s/id	Cozinheiro	s/id	M ou F	s/id	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	s/id	M	s/id	s/id
	venda	s/id	Doceiro, padeiro, alfaiate	s/id	M	28	crioulo

<b>1870</b>	compra	s/id	s/id	s/id	M/F	30	s/id
	compra	s/id	s/id	s/id	M/F	10 a 30	s/id
	compra	1:800U000	s/id	s/id	s/id	s/id	s/id
	venda	s/id	s/id	s/id	M	35	s/id
	compra	s/id	Serviço de lavoura	s/id	M	s/id	s/id
	contrata-se	s/id	Serviço de casa de família	s/id	F	rapariga	s/id
<b>1871</b>	aluguel	s/id	Cozinheiro	s/id	M ou F	s/id	s/id
	aluguel	s/id	Cozinheiro	s/id	F	s/id	s/id
	venda	s/id	Cozinheiro	s/id	F	40	preta
	venda	s/id	Copeiro	Tipografia	M	s/id	s/id
<b>1872</b>	v/t/a	s/id	Serv. Domésticos, costureira	Tipografia	F	s/id	s/id
	s/id	s/id	Cuide de crianças, engomar	Tipografia	F	s/id	s/id
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	troca	s/id	s/id	Tipografia	F/M	s/id	s/id
	compra	s/id	s/id	Tipografia	F	s/id	s/id
	v/t/a	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	s/id	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	preta

	troca	s/id	s/id	Tipografia	M por F	s/id	s/id
	compra	s/id	s/id	Tipografia	F	s/id	s/id
<b>1873</b>	venda	s/id	Serv. De roça, Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	venda	s/id	s/id	s/id	M	18	crioulo
	venda	s/id	Serv. Domésticos	s/id	F	15 a 16	crioula
	compra	s/id	s/id	Tipografia	M	entre 30	s/id
	s/id	s/id	Serv. Domésticos	s/id	F	s/id	s/id
	s/id	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
<b>1874</b>	aluguel	s/id	s/id	s/id	F	11	s/id
	venda	s/id	s/id	s/id	M	s/id	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	venda	s/id	s/id	s/id	F	s/id	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	10 a 11	s/id
	venda	s/id	s/id	Tipografia	M	24 a 25	s/id
<b>1875</b>	venda	s/id	s/id	Tipografia	F	13 p/ 14	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	venda	s/id	s/id	Tipografia	F	s/id	s/id
	venda	s/id	s/id	Santa Cruz	s/id	s/id	s/id
	aluguel	s/id	Cozinha	Tipografia	s/id	s/id	preta
<b>1876</b>	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id

	v/a	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	aluguel	s/id	Cozinheira	Tipografia	F	s/id	s/id
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	M	s/id	s/id
	venda	s/id	s/id	Tipografia	F	12 a 13	s/id
<b>1877</b>	venda	s/id	Domador	Villa da Palmeira	M	15 a 17	s/id
	venda	s/id	s/id	s/id	M	moça	s/id
	s/id	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	36	s/id
	s/id	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
<b>1878</b>	v/a	s/id	s/id	s/id	F	22	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	mulata
	venda	s/id	Cozinheira	Tipografia	F	28	preta
	aluguel	s/id	Cozinheira	Tipografia	F	s/id	preta
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	venda	s/id	Pagem	Tipografia	M	14	s/id
	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	F	s/id	s/id
	aluguel	s/id	Cozinheira	Curitiba	F	s/id	s/id
	venda	s/id	s/id	Tipografia	M	18	mulato
	venda	s/id	Pedreiro	Curitiba	M	20	s/id

<b>1879</b>	venda	s/id	Serv. Domésticos	s/id	F	s/id	preta
	venda	s/id	s/id	s/id	F	13	crioula
	venda	s/id	s/id	Curitiba	M	20	crioulo
	venda	s/id	s/id	Curitiba	F	18	crioula
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	F	nova	s/id
	venda	s/id	s/id	Curitiba	M	13	claro
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	preta
<b>1880</b>	s/id	s/id	Serv. De iluminação da cidade	Curitiba	M	s/id	s/id
	compra	s/id	s/id	Tipografia	M/F	s/id	s/id
	v/a	s/id	Sapateiro	Tipografia	M	s/id	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	F	20	mulata
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	nova	crioula
<b>1881</b>	venda	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	F	20	crioula
	v/a	s/id	Serv. Domésticos	Curitiba	F	s/id	s/id
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	preta
	s/id	s/id	Cozinheira	Curitiba	F	s/id	s/id
	v/a	s/id	Cozinheira	Curitiba	F	s/id	preta
	venda	s/id	s/id	Tipografia	F	s/id	preta
<b>1882</b>	v/a	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	20	s/id
	venda	s/id	s/id	Curitiba	F	s/id	s/id

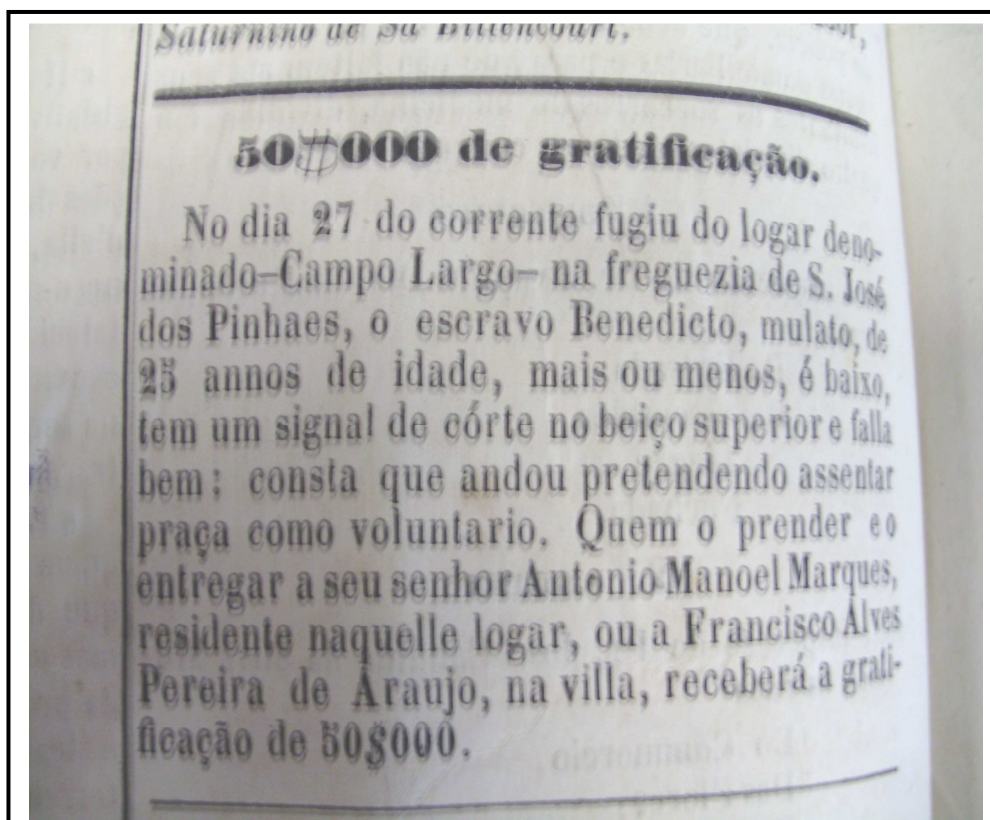
<b>1883</b>	venda	s/id	s/id	Tipografia	M	19	preto
	venda	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	M	s/id	preto
<b>1884</b>	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	16	s/id
	s/id	s/id	Ama de leite	Curitiba	F	s/id	s/id
	s/id	s/id	Tratar de um cavalo	s/id	M	pequeno	s/id
<b>1885</b>	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Tipografia	F	s/id	s/id
	s/id	s/id	Ama de leite	Tipografia	F	s/id	s/id
<b>1886</b>	aluguel	s/id	Serv. Domésticos	Escritorio de agências	M	s/id	s/id
	aluguel	s/id	Vender quitanda	Escritorio de agências	F/M	s/id	s/id

A tabela foi produzida pela autora da monografia Juliana de Cássia Câmara.

A mesma está sendo utilizada pelo Ddo. Ilton César Martins em sua tese Crimes porteira à dentro: direito, justiça e criminalidade numa perspectiva social nos Campos Gerais Paranaenses (1853-1888).



## ANEXO I



Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 30 de Março de 1867, Ano XIII, Nº 774, p. 04.

## ANEXO II

**Annuncios**

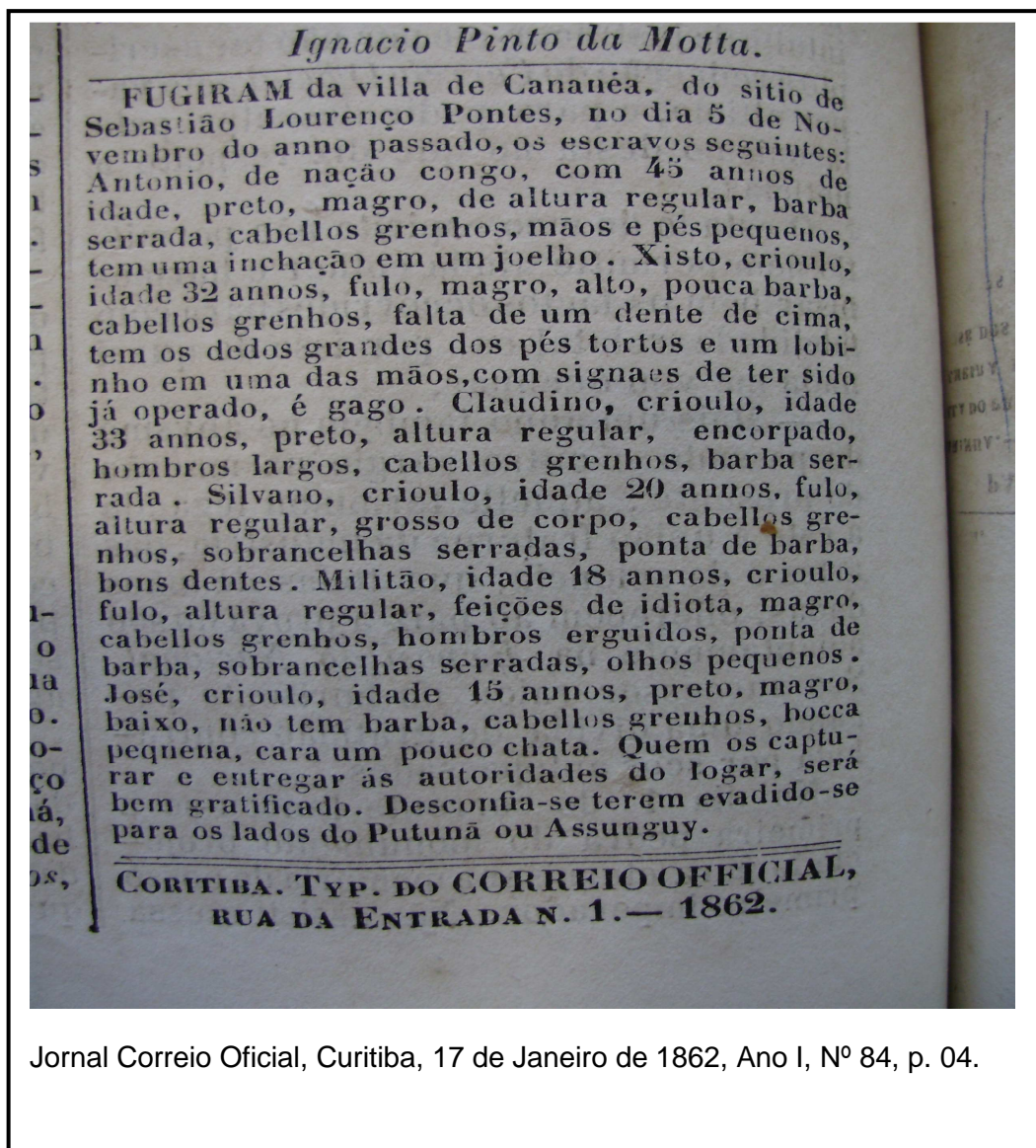
---

**ESCRAVO**

Fugiu de Bierremback & Irmão, de Campinas, no dia 2 de Setembro deste anno, o mulato Rodolpho, de idade 24 annos, estatura média para baixo, corpo reforçado em relação á estatura, falta de um dente na frente, barba regular, tem signaes de castigos nas nalgas, e alguns vestigios de ter tido ferros nos pés, falla bem, pisar firme, é muito activo e intelligente, natural de Campos na provincia do Rio, profissão de chapelleiro, mas sabe coser em machinas de costura, tendo por alguns annos trabalhado como machinista de vapor no que é muito pratico; sabe ler e escrever alguma cousa, passa por liberto, costumava andar calçado e traja-se bem, gratifica-se com 200\$000 a quem o entregar a seus senhores, e com 100\$000 a quem o aprehender e deixar em cadêa segura. Ha suspeita que seguiu para o Paraná por S. João Baptista, ou Lavrinhas em companhia de João Tavares. (1

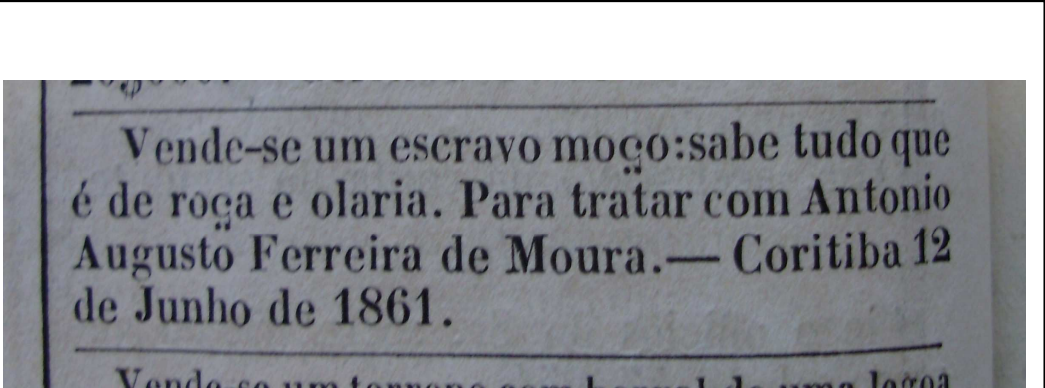
Jornal Dezenove de Dezembro, Curitiba, 06 de Outubro de 1877, Ano XXIV, Nº 1847, p. 04.

## ANEXO III



Jornal Correio Oficial, Curitiba, 17 de Janeiro de 1862, Ano I, Nº 84, p. 04.

## ANEXO IV



Vende-se um escravo moço: sabe tudo que é de roça e olaria. Para tratar com Antonio Augusto Ferreira de Moura. — Curitiba 12 de Junho de 1861.

Jornal Correio Oficial, Curitiba, 13 de Junho de 1861, Ano I, Nº 23, p. 06.